

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

O ENSINO DO FUTSAL NO



Agrupamento de Escolas de Valpaços

ESTUDO DE CASO DA TURMA 9º C

MESTRANDO: Sérgio Manuel Torres Lopes

ORIENTADORA: Professora Doutora Ágata Cristina Marques Aranha

**MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NOS ENSINOS BÁSICOS E SECUNDÁRIOS**

Relatório da Atividade Profissional
(ao abrigo da Recomendação do CRUP)



Vila Real , 2017

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**O ENSINO DO FUTSAL NO
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE VALPAÇOS
ESTUDO DE CASO DA TURMA 9º C**

MESTRANDO: Sérgio Manuel Torres Lopes

ORIENTADORA: Professora Doutora Ágata Cristina Marques Aranha

**MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NOS ENSINOS BÁSICOS E SECUNDÁRIOS**

Relatório da Atividade Profissional
(ao abrigo da Recomendação do CRUP)



Vila Real , 2017

Dissertação de mestrado elaborada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários, em conformidade com a alínea b) do artigo 20º do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março e a alínea a) do nº1 do artigo 45º do Decreto-Lei nº 115/2013 de 7 de agosto, sob a orientação da Professora Doutora Ágata Cristina Marques Aranha.

“Há homens que lutam um dia e são bons.

Há outros que lutam um ano e são melhores.

Há aqueles que lutam muitos anos e são muito bons.

MAS HÁ OS QUE LUTAM TODA A VIDA.

ESSES SÃO OS IMPRESCINDÍVEIS.”

Brecht (citado por Bento, 1995).

Agradecimentos

À minha mãe Isaura, à minha irmã, Aline e ao meu irmão Daniel, pelo apoio, compreensão, dedicação, amor e amizade demonstrados ao longo destes anos, contribuindo, permanentemente, para a minha formação como indivíduo, é a eles que devo aquilo que hoje sou.

À minha filha, Rute, pelo amor que lhe tenho e que me motiva a ser melhor.

À Sónia pelo amor e compreensão sempre presentes.

À memória do meu pai, Adriano, com eterna saudade.

Aos meus alunos da Escola Secundária de Valpaços do 9ºC sempre empenhados e motivados permitiram realizar este relatório de mestrado.

À Professora Doutora Âgata Aranha, pela permanente disponibilidade, aos seus conhecimentos, ensinamentos e conselhos transmitidos mas também pela compreensão e apoio incansável que demonstrou.

Sem ela, o presente relatório, teria por certo, uma menor qualidade.

À Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Resumo

Este Relatório sobre a Atividade Profissional do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresenta não só uma descrição do trabalho que desenvolvemos, enquanto professor de Educação Física no Agrupamento de Escolas de Valpaços mas também sobre pertinentes e sucintas considerações acerca do percurso profissional desde 1991 até hoje.

Apresentamos ainda uma pertinente reflexão crítica da atividade profissional na análise da prática relacionando-a sempre com o contexto escolar e disciplinar.

Referente à prática na escola, acrescentamos também uma análise sobre a temática do ensino da modalidade de futsal no Agrupamento de Escolas de Valpaços desde a elaboração, análise e operacionalização da unidade didática acerca do desempenho evolutivo dos nossos discentes no ano letivo de 2015/2016.

A metodologia empiricamente usada foi analisar estrategicamente a aplicação de uma unidade didática de futsal numa turma específica do 9º ano Turma C, do 3º ciclo de escolaridade sem experiência prévia e quando associada à prática concomitante da modalidade nas aulas e nos pavilhões gimnodesportivos disponíveis no agrupamento.

Os participantes deste estudo eram constituídos por 16 alunos do sexo feminino e 5 alunos do sexo masculino que não são praticantes de futsal em contexto de desporto federado.

O efeito da aplicação da unidade didática de futsal (de somente 10 aulas) foi avaliado no que se refere ao conhecimento das regras de futsal e habilidades técnicas (passe, receção, condução de bola, drible e remate) assim como do conhecimento tático.

Após a sua operacionalização permitiu-nos concluir que a aplicação de uma unidade didática de futsal nestes alunos, sem experiência prévia da modalidade, melhoram os níveis de sucesso nos parâmetros avaliados assim como produzem efeitos positivos significativos no desempenho motor técnico-tático e no conhecimento geral das regras da modalidade.

No final, pretendemos que este documento acrescente uma refinada melhoria da prática profissional de docente de educação física, evidenciando os aspetos positivos e aqueles a melhorar ou corrigir no futuro.

Palavras-chave: Educação Física, Ensino-Aprendizagem, Desenvolvimento Profissional, Futsal, Unidade Didática, Habilidades Motoras; Conhecimento de Regras.

Abstract

This report on the Master of Professional Activity in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education, presents not only a description of the work we do, as a teacher of Physical Education in Valpaços Group of Schools but also on relevant and succinct considerations about the route professional from 1991 to today.

We also present a relevant critical reflection of professional activity in the practice of analysis relating it always with the school and disciplinary context.

Referring to the practice in the school, also added an analysis on the subject of futsal modality of education in Valpaços Group of Schools from the preparation, analysis and implementation of the teaching unit about the evolutionary performance of our students in academic year 2015/2016.

The methodology empirically used was strategically analyze the application of a teaching unit of futsal in a class specifies the 9th year Class C, 3rd education cycle without previous experience and when associated with concomitant practice of sport in classes and sports halls available in the pool.

Participants in this study consisted of 16 female students and 5 male students who are not futsal practitioners in the context of federated sport.

The effect of the application of the teaching unit of futsal (only 10 classes) was evaluated with regard to knowledge of futsal rules and technical skills (passing, receiving, ball driving, dribbling and shooting) as well as the tactical knowledge.

After his operation allowed us to conclude that the application of a teaching unit futsal these students without previous experience of the sport, improve the levels of success in the evaluated parameters as well as produce significant positive effects on the technical and tactical engine performance and overall knowledge the rules of the sport.

In the end, we intend that this document adds a refined improvement of professional practice of teaching physical education, highlighting the positive aspects and those to improve or correct in the future.

Keywords: Physical Education, Teaching and Learning, Professional Development, Futsal, Didactic Unit, Motor Skills; Rules of knowledge.

Índice Geral

	Pg.
Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	V
Abstract.....	VI
Índice Geral	VII
Índice de Quadros,	IX
Índice de Tabelas	X
Índice de Figuras.....	XI
Introdução.....	1
1.O ensino é criado duas vezes, primeiro na concepção e depois na realidade.....	4
2.Os professores de hoje poderão se sentir diferentes dos professores do passado.....	5
3.A missão de educador : O que é ser professor?.....	7
4.Mas o que significa Objetivo e Aprendizagem?.....	10
5.Mas como motivar os discentes para a aula de educação física? E especificamente, como motivar as alunas para o futsal?.....	11
6.“O Futebol é um fenómeno antropossocial total (Frade, 1982).”.....	14
7. A simplificação da estrutura complexa de jogo	16
7.1 Princípios do ataque.....	16
7.2 Fatores do ataque	18
7.2.1. Regras para melhorar a ação ofensiva.....	19
8.Fases do Ensino do futebol e respetivos objetivos.....	21
9.Transição do futebol para futsal.....	22
10.O futsal na escola.....	23
11.Etapas de Aprendizagem.....	25
11.1 Unidades Funcionais.....	25
12.Proposta metodológica para operacionalização dos conteúdos de treino no ensino do jogo de futsal.....	27
13.Como operacionalizar as etapas aprendizagem de jogo nas aulas.....	31
14.Construção de exercício de treino de acordo com os conteúdos a abordar nos diferentes níveis de desempenho.....	31
15.Construção das situações de ensino-aprendizagem.....	34
16.A Unidade Didática de Futsal.....	36
16.1 Caracterização do Envolvimento - Espaço.....	38
16.2 Material Pedagógico.....	39
16.3 Caracterização dos Alunos.....	40
16.4 Grelha da Unidade Didática de Futsal.....	41
16.5 Justificação da Unidade Didática de Futsal.....	42
16.6 Extensão e Sequência da Matéria.....	46
16.7 Definição de Objetivos.....	47
16.8 Configuração da Avaliação.....	49
16.9 Progressões de Ensino.....	50
17. Estratégias de ensino do docente na aula de educação física.....	52
18. Conclusão da Unidade Didática de Futsal.....	54
19.Relatório sobre a Atividade Profissional.....	56
19.1 Enquadramento da Prática da Atividade.....	56
19.2 O professor contratado antes e depois da profissionalização	57
19.3 A avaliação do desempenho docente.....	58
19.4 Realização da prática profissional.....	58
19.5 Atividades letivas e atividades não letivas.....	58

19.5.1 Atividades letivas.....	59
19.5.2 Atividades não letivas.....	59
19.5.3 Formação contínua.....	60
20.Relação pedagógica com os alunos.....	61
21.Outras funções profissionais.....	62
22.Conclusão e perspectivas para o futuro.....	69
Bibliografia.....	71
Webgrafia.....	73
Anexos	74
Anexo I: Pressupostos Metodológicos na Aprendizagem do Jogo de Futsal – Atualização	75
Anexo II: Desportos de Inverno: Snowboard	76
Anexo III: Sistemas LMS e o trabalho colaborativo dos docentes	77
Anexo IV e V : Estratégias de Coaching para suscitar a motivação e Para uma comunicação eficaz no contexto profissional.	78
Anexo VI: Didática do Atletismo nos ensinos básico e(2º e 3º ciclos) e secundário	79
Anexo VII: 1º Congresso Internacional de Futebol- Pensar a mudança.	80
Anexo VIII: Futebol: Simpósio Internacional - Especialização Alto Rendimento.	81
Anexo IX: 6º Congresso Nacional de Educação Física	82
Anexo X: Planos de aulas	83

Índice de Quadros

	Pg.
Quadro 1: Os 4 níveis qualitativos de desempenho, adaptado de Guilherme & Braz (2013 citado por Braz, Mendes e Palas, s/d: 16-17)	26
Quadro 2 - Relação dos conteúdos com os respectivos níveis de desempenho. Adaptado de Guilherme & Braz (2013 citado por Braz, Mendes e Palas, s/d: 17)	27
Quadro 3: Diferença nos níveis de operacionalização das estruturas do jogo (Braz, Mendes e Palas, s/d: 20).	29
Quadro 4: Objetivos da estrutura 1:3:1 adaptado de (Braz, Mendes e Palas, s/d: 23).	30
Quadro 5: Construção de exercício de treino de acordo com os conteúdos a abordar nos diferentes níveis de desempenho adaptado de Braz, Mendes e Palas, s/d: 26-72.	33
Quadro 6: Material na escola	39
Quadro 7: As funções didáticas na unidade didática de futsal	41

Índice de Tabelas

	Pg.
Tabela 1 : Alunos por níveis	42
Tabela 2: Distribuição dos alunos por grupo e por níveis	44
Tabela 3: Totalidade dos alunos por níveis de desempenho no fim da U.D.	54
Tabela 4: Alunos por níveis de desempenho fim da U.D.	55

Índice de Figuras

	Pg.
Figura 1 a 4	63
Figura 5 a 7	64
Figura 8 a 14	65
Figura 15 a 19	66
Figura 20 a 23	67

Introdução

O presente relatório de atividade profissional foi elaborado no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, ao abrigo da Recomendação do CRUP para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do supra citado grau de Mestre.

Este documento, serviu de projeção da formação profissional enquanto professor do ensino público e servirá como documento de reflexão da prática docente no ano letivo de 2015/2016 na Escola Secundaria de Valpaços e para o futuro.

Este relatório serviu-nos como que, um guião de todo o comportamento enquanto agente do ensino/aprendizagem, orientando-nos na ação educativa perante e com os discentes e direcionar-nos para as questões gerais e específicas no processo de instrução.

Acrescentamos ainda que, tal como qualquer relatório, não é um documento definitivo, específico e limitado e que demonstramos o trabalho realizado no “teatro” desta escola, na especificidade da modalidade de Futsal, que sendo mutável e sujeito a adaptações, reapreciações, ou modificações nos guiou, nos desafiou e nos motivou em relação à nossa profissão de docente.

Assim, pretendemos colocar em prática a teorização do ensino desde o seu planeamento, operacionalização nas aulas com os nossos discentes sempre com um pensamento crítico e reflexivo buscando alógica de melhorar o desempenho dos mesmos na especificidade da escolha dos exercícios a ministrar visando a global aprendizagem.

“O trabalho constante, diário, de educação e de formação de si mesmo constitui uma condição indispensável da vida de um pedagogo” (Bento, 1986: 11) e acrescentamos que lecionar as aulas não pode ser encarado como um simples ato de dar as aulas e de seguida sair da escola, pois com os anos de lecionação esta não foi a nossa rotina.

Será por ventura esta a perspetiva de ser professor e não ficarmos limitado ao simples exercício da instrução na aula. Ser professor, na nossa modesta opinião, abrange tudo o que refere à escola, à comunidade e aos alunos, com equidade e com igualdade.

Procuramos como professor, a autonomia e um grau de responsabilidade que está atribuído à função de docente e nem foi, não é, nem será, nossa intenção ser um professor tecnocrata que só dá aulas.

Pretendemos ser um profissional que dê ênfase ao saber fazer para dar o nosso claro contributo à sociedade estudantil e seu futuro na sociedade, não deveremos encarar a nossa profissão pelo mero olhar de um técnico pois as nossas ações e instrução tem uma

especial influência quando trabalhamos com alunos na escola, com a sociedade e para a sociedade.

Na sequência do referido anteriormente, pretendemos servir-nos de alguns objetivos gerais da disciplina de Educação Física para nortear a nossa atuação, como por exemplo:

- promover o gosto dos alunos pela prática regular de atividade física e assegurar a compreensão da sua importância como fator de saúde e componente da cultura, na dimensão individual e social;
- assegurar a aprendizagem de atividades físicas desportivas nas suas dimensões: técnica, tática, regulamentar e organizativa;
- promover a formação de hábitos, atitudes e comportamentos relativamente à participação na sociedade;
- assegurar o “confronto” com o seu próprio corpo (efeitos do exercício, músculos etc.), como instrumento de promoção da saúde;
- contribuir para o desenvolvimento de aprendizagens sólidas, que possam servir de instrumento para uma prática autónoma e consciente das atividades físicas desportivas.

De seguida, iremos demonstrar através da revisão da literatura os fundamentos literários e alguma investigação no ensino para suportar os nossos esclarecimentos neste relatório de atividade profissional.

Assim, sucintamente, referimo-nos ao entendimento de qual será a missão do educador e o que é ser professor, definimos o que entendemos por objetivo e por aprendizagem, que é tantas vezes referidos no dia a dia escolar.

Continuamos para alguns aspetos mais gerais da disciplina de educação física e focamos a nossa atenção nas estratégias de como motivar os alunos para a prática, empenho e sucesso no desempenho motor e cognitivo na aula.

Porém, no caso deste relatório, com o título de ensino do futsal na escola, devido à especificidade dos alunos que constituem esta turma, sendo maioritariamente do sexo feminino (16) comparadas com os alunos do sexo masculino (somente 5), encaramos este mesmo como um bom desafio a transpor que, foi o de como motivar para o empenho e desempenho motor das alunas para a prática desta mesma modalidade, ainda tão enraizada no entendimento escolar como somente característica do sexo masculino.

Neste sentido, apoiando-nos na modalidade de futebol já amplamente analisado e divulgado passamos a introduzir a simplificação da estrutura complexa do jogo para melhor entendimento dos processos de ação do jogador individual em processos coletivos, damos a

conhecer os princípios e os fatores do ataque, as regras a seguir para melhorar a ação ofensiva e por fim as fases do ensino do futebol e respectivos objetivos que, irão suportar a transição para o futsal.

Segue-se a transição do futebol para o futsal e como se poderá operacionalizar na escola dentro dos espaços disponíveis e nas nossas aulas, através das etapas de aprendizagem e das unidades funcionais por níveis de desempenho no futsal.

Com este esclarecimento pretendemos passar para as propostas metodológicas para operacionalização dos conteúdos de treino no ensino do jogo de futsal na escola e como construir exercícios de treino adequados com os diferentes níveis de desempenho dos alunos e que estratégias de ensino se poderão munir os professores na aula para incentivar a eficácia da aprendizagem e os motivar para exercitação.

Na unidade didática de futsal, a sua elaboração, análise, operacionalização e conclusão referimos a especificidade de como realizamos o ensino da modalidade nesta turma no agrupamento de escolas e sua dificuldade na realização.

Por fim, realizamos o relatório sobre a atividade profissional desde 1991 a 2016 (quer ao nível de ensino público quer a nível privado em clubes e instituições) e posteriormente a conclusão deste relatório de atividade profissional que sustentará a nossa tese de mestrado.

1. O ensino é criado duas vezes, primeiro na concepção e depois na realidade

Com o trabalho de casa da elaboração, análise e operacionalização da unidade didática suportada pelos planos de aula, tentamos sempre ter em conta os níveis dos alunos e agrupá-los em grupos consoante o seu nível, procurando exercícios facilitadores e ao mesmo tempo desafiadores para eles.

Após a realidade no terreno de aula, os planos de aula serviram de guião mas não nos podemos esquecer que os mesmos poderão ser alterados e deverão ter sempre em conta uma margem para imprevistos.

Estes imprevistos levaram-nos enquanto professor a reajustar os planos de aula e mesmo a uma certa improvisação de exercícios facilitadores para a rápida progressão do aluno até ao nível dos outros.

Também neste ponto, a experiência já adquirida deixou-nos confiantes para que quando isso surgisse, pois, pensamos nós que, possuímos uma boa capacidade de improvisação e de conteúdos na resolução de alterações de regras, de objetivos e dos espaços dentro das aulas.

Claro está que, o plano de aula pode e deve ser bem construído e planeado, prevendo de alguma forma imprevistos que poderão surgir visando a previsão de comportamentos e ações dos alunos.

Devido ao facto da turma ser constituída por 22 alunos conseguimos fixar todos os nomes para construir um ensino mais personalizado, cuidado e motivador perante os nossos discentes.

Ao mesmo tempo, fomos críticos em relação ao êxito na atividade de ensino e aprendizagem dos nossos discentes, tendo como ideal chegar a sermos professores competentes para a construção de um ensino eficaz, pois na nossa formação académica sempre fomos incutidos da importância do estudo, do trabalho crítico e da investigação.

Esta análise teve como indicador as várias dimensões da didática respeitando também os seus critérios de avaliação da nossa atuação dentro da sala de aula.

2. Os professores de hoje poderão se sentir diferentes dos professores do passado

Neste aspeto, também servimos de modelo de ideologia para observarem que “faço aquilo que digo” e não “olha para o que digo e não para o que faço”.

Todas as demonstrações realizadas na aula foram inicialmente preconizadas pelo professor, pois como antigo praticante da modalidade (nos escalões jovens (dos sub14 a sub18, da Associação Desportiva de Esposende e como sénior na 3ª divisão nacional em 1990), como preparador físico e adjunto do treinador do Gandra Futebol Clube (em 1994) e ainda como treinador de nível 1 de futebol, no Varzim Sport Clube (entre 2001 e 2006) nos escalões de escolas e infantis A e B (com idades compreendidas entre os 7-8 anos até cerca dos 10-11 anos de idade) visaram o aperfeiçoamento da componente técnica, a ocupação racional dos espaços e os deslocamento dentro dos corredores em campo, além dos comportamentos de entreajuda, de solidariedade, do esforço e da fraternidade de um individuo para com o grupo/equipa dentro de diferentes interações em prol do objetivo coletivo geral.

Vejo-me hoje como alguém que educa através de atitudes e também um educador para o futuro, neste novo milénio, porque hoje, mais do que nunca, não nos poderemos olvidar que os professores são educadores para o futuro.

A nossa finalidade foi atingir a contínua claridade de ser competente e profissional naquilo que ambicionamos como profissão:

- como professor motivado, entusiasta, que gosta e vive realmente a sua profissão
- um professor que reflete sobre os dados da investigação do ensino, que investiga e procura acompanhar as tendências atuais ao nível do processo de ensino e da aprendizagem;
- como um professor com iniciativa, criatividade, inovação, reflexividade, e improvisação conforme a luz dos princípios pedagógicos e didático-metodológicos e que planeia de acordo com as indicações programáticas, com cuidado pelas condições pessoais, materiais, sociais e locais, com objetivo geral de contribuir para o desenvolvimento da personalidade integral do seu discente.

Afinal, procuramos ser um professor ideal com duas linhas de comunicação: nossa para os alunos e dos alunos para nós procurando sermos um professor com capacidade de ouvir, ser competente e com grande nível de exigência para melhorar a relação com os alunos.

Afinal, “o homem desenvolve-se, educa-se, forma-se na atividade. Uma atividade, onde haja ensino e aprendizagem, é uma atividade e educação do homem, da personalidade humana (Bento, 1986:7).”

Nesta perspectiva, Lobo (2003:24) corrobora com a professora Emilia Costa quando esta refere que “o professor ideal seria alguém com uma boa capacidade de comunicação, competente, exigente com ele próprio e em relação à aprendizagem do aluno. Mas sempre atento à dimensão afetiva.”

Por fim, travamos uma luta constante com a nossa profissão e assumimos este compromisso de livre e espontânea vontade, pois como refere Bertolt Brecht:

“Há homens que lutam um dia e são bons.

Há outros que lutam um ano e são melhores.

Há aqueles que lutam muitos anos e são muito bons.

MAS HÁ OS QUE LUTAM TODA A VIDA. ESSES SÃO OS IMPRESCINDÍVEIS.”

3.A missão de educador : O que é ser professor?

“O trabalho constante, diário, de educação e formação de si mesmo constitui uma condição indispensável da vida de um pedagogo (Bento,1986:11).”

O aluno educa-se e forma-se na atividade, onde haja ensino/ aprendizagem e é uma atividade de formação e educação do homem, da personalidade humana.

A tarefa central do professor consiste, assim, na organização e condução racionais e conscientes do processo de educação e formação de quem lhe está atribuído.

“Educar, formar, desenvolver as crianças e jovens - eis uma responsabilidade, uma missão, um dever que assumimos face a nós próprios, face aos alunos e face à sociedade (Bento,1986: 7).”

Assim, presume-se que contenha uma certa honra que nos motiva na procura de uma reflexão procurando melhorar, aperfeiçoar e inovar na nossa profissão.

“Ao professor e ao educador, está confiada a essência mais complexa que há no mundo – o Homem” acrescentando ainda que “transportam uma grande responsabilidade. Podem fomentar fortemente o desenvolvimento harmonioso da personalidade dos seus alunos (Bento, 1986: 7).”

Mas, no entanto, este mesmo autor alerta para um perigo pois podem “em certas circunstâncias cometer erros e favorecer tendências de desenvolvimento que se converterão mais tarde em grandes problemas. Muitas coisas dependem da sua intuição, dos seus conhecimentos, das suas experiências e dos métodos disponíveis.”

Bento (1986: 8) finaliza referindo que “o professor e o educador ocupam-se porém com um «OBJETO» muito especial – com HOMENS VIVOS, INCONFUNDÍVEIS, que dispõem de experiências distintas, cujas forças se encontram em desenvolvimento, que se dirigem a eles com determinadas noções, conceitos, objetivos e expectativas”.

Assim, “o processo pedagógico, extremamente complexo, precisa pois de um pedagogo criativo” Bento (1986: 9) que:

- “empregue a variedade dos seus conhecimentos e experiências de forma correspondente à situação em causa,

- que analise e reflita sempre de novo, que reaja com sensibilidade, que atue conscientemente,
- que aborde os seus alunos de forma diferenciada,
- que avalie objetivamente o nível alcançado,
- que persiga conseqüentemente os seus objetivos, mesmo em condições permanentemente alteradas,
- que precise e modifique, porém, continuamente esses objetivos de acordo com os processos de desenvolvimento dos alunos.”

Mas afinal “espera-se do professor:

- . consciência de responsabilidade,
- . amor às crianças,
- . paciência,
- . entusiasmo e capacidade de entusiasmar,
- . otimismo e
- . atuação conseqüente.

Os alunos querem um professor

- . que domine aquilo que ensina (isto é, que seja um autentico mestre, no pleno sentido da palavra),
- . com o qual dê prazer e alegria de aprender,
- . no qual podem confiar totalmente.

O professor orienta e conduz pessoas jovens que nos foram confiadas e sobre as quais não possuímos nenhum poder absoluto de disposição.

Ao nos serem confiados os alunos, o aspecto de cooperação e de comunicação pedagógica deverá ter em atenção à “estrutura de relações inter-humanas no grupo ou turma constitui um fator essencial ao sucesso da aprendizagem. A atividade de aprender é condicionada pela atividade de ensinar e inversamente Bento (1986:16).”

Acrescenta Bento (1986:17) que “o aspecto da otimização pedagógica requer simultaneamente que a análise psicológica não se limite à atividade dos alunos, conduzida pelo pedagogo, mas também que apreenda a própria atividade deste e as suas relações de

reciprocidade com as atividades de aprendizagem e outras. Assim, num certo sentido, a psicopedagogia é também psicologia do trabalho, nomeadamente psicologia do trabalho pedagógico: psicologia do professor e educador.”

Então o papel do professor é de requerer que se coloquem aos alunos “exigências não apenas elevadas, mas também permanentemente e progressivamente aumentadas” Bento (1986:42) pois podemos exigir, das crianças e jovens, rendimentos e comportamentos que “podem ser dominados com a ajuda, com a cooperação, com a exemplificação e demonstração, sob estimulação, orientação e controlo mais ou menos minuciosos do pedagogo” Bento (1986:42) sob direção pedagógica.

“O sucesso das ações pedagógicas depende contudo em primeiro lugar, da forma como se consegue transformar em atividade do educando os objetivos e intenções educativas e formativas, de forma como se consegue «levar» o educando a atividade «ativa» (Bento,1986:43).”

Mas, para que isto aconteça, deveremos refletir e analisar “a dialética de direção pedagógica (professor) e de atividade pessoal (aluno) baseia-se na essência do processo de desenvolvimento. Todo o nível concreto de desenvolvimento é caracterizado por duas zonas. A tarefa pedagógica consiste precisamente em descobrir as potencialidades contidas numa «zona de rendimento atual» e em organizar e conduzir a atividade do aluno, de modo que a «zona do próximo desenvolvimento «se transforme numa nova «zona de rendimento atual» (superior) – que, por sua vez, abre e prolonga outras possibilidades Bento (1986:43).”

Como professores procuramos sempre a incremento do melhor resultado pedagógico (formação e desenvolvimento de capacidades e habilidades) para os discentes mas depende sempre:

- “. de aquilo que (o quê) o sujeito faz (conteúdo da atividade),
- . como o faz (processo ou metodologia da atividade),
- . da organização e das condições do decurso da atividade,
- . da atitude e motivação (desencadeadas no sujeito sobretudo pela proposta da atividade) Bento (1986:44).”

No entanto, o princípio de ação do aluno implica a caracterização da aprendizagem como uma atividade individual que é importante no sentido em que os resultados são determinados pelo próprio discente e tem que passar por dentro de si: estar ativo.

Em resumo, Bento (1986:54) esclarece que “a aprendizagem reveste o caráter de atividade individual com interação social. Neste contexto adquirem grande relevância as relações entre:

- o ensino (transmissão) e aprendizagem (apropriação),
- interiorização ativa e exteriorização criativa,
- condução pedagógica (professor) e autonomia (alunos).”

4. Mas o que significa Objetivo e Aprendizagem?

Durante as aulas nas diferentes disciplinas, por vezes fora do contexto do ensino, ouvimos referir objetivo e aprendizagem no discurso dos intervenientes, quer jogadores ou treinadores.

Assim, o que se entende por Objetivo e Aprendizagem?

Sucintamente, por Objetivo, Bento (1986:69) elucida que “significa antecipação mental de um futuro ou ponto final relativo de um desenvolvimento, conscientemente escolhido (definição qualitativa do objetivo) e determinado (definição quantitativa do objetivo) pelo homem – de entre um campo de possibilidades objetivas – e que apenas pode ser realizado mediante empenhamento ativo do homem.”

De seguida, o termo de Aprendizagem “é empregue para uma atividade especialmente voltada não apenas para a apropriação de «saberes» e «poderes», para a aquisição de conhecimentos, de modelos de ação, de técnicas de procedimento, de princípios, de leis e noções,... (Bento,1986:70)”

5. Mas como motivar os discentes para a aula de educação física? E especificamente, como motivar as alunas para o futsal?

Desde muito recentemente, deparamo-nos com uma grande desmotivação dos alunos para a prática da atividade física ao longo dos últimos anos letivos (e especificamente na modalidade de futsal por parte do gênero feminino) e como pretendemos combater esta evidência no cotidiano nas diferentes escolas?

Como referem Weinberg e Gould (1995 citados por Cruz, 1996:305) a motivação é “um termo ou conceito geral utilizado para compreender o complexo processo que coordena e dirige a direção e a intensidade do esforço dos indivíduos. Esta ideia está subjacente na definição de motivação para a realização: “a tendência para lutar pelo sucesso, persistir em face do fracasso e experienciar pelos resultados conseguidos.”

Acrescenta Cruz (1996:306) que “intimamente relacionado com a motivação está a distinção entre duas importantes fontes de motivação: intrínsecas e extrínsecas. Com as recompensas extrínsecas, a motivação vem de outras pessoas ou fatores externos, sob a forma de reforços positivos e negativos. Por outro lado, os indivíduos podem participar e competir desportivamente por razões intrínsecas. É o caso das pessoas que são intrinsecamente motivadas para serem competentes e para aprenderem novas competências, que gostam de competição, ação ou excitação e que querem também divertir-se e aprender o máximo que forem capazes.”

Um dos estudos realizados por Gill, Gross e Hudleston (1983 citado por Cruz 1996:307) concluem na sua análise que “permitiu identificar várias dimensões da motivação para a participação desportiva: realização/estatuto, orientação para a equipa, saúde física, descarga de energias, fatores situacionais, desenvolvimento de competências, amizade e divertimento.”

Assim, alguns alunos “baseiam a sua competência, a capacidade e sucesso, recorrendo a critérios normativos e a processos de comparação social (ex.: ter melhor rendimento que os colegas), outros consideram a sua capacidade e competência de objetivos auto-referentes e pessoais (ex.: melhor rendimento pessoal, relativamente ao jogo anterior) (Nichols (1984, 1989), Dweck (1986, Elliott & Dweck, 1988) e Ames (1992) citados por Cruz 1996:315).”

De acordo com as teorias de Nicholls e Deweck citados por Cruz (1996:315) “os indivíduos interpretam os seus rendimentos com base em duas perspectivas ou orientações, em termos de objetivos. Uma primeira orientação tem a ver com os objetivos centrados na tarefa ou na aprendizagem, mais voltados para a aprendizagem de novas competências e na mestria ou domínio de objetivos desafiadores, do ponto de vista pessoal (a aprendizagem, o esforço despendido, as reações afetivas e emocionais e a melhoria pessoal constituem as principais fontes de informação utilizadas para avaliar a capacidade pessoal e formular as percepções de competência pessoal).”

Pelo contrario, “a outra orientação tem a ver com objetivos mais centrados no “ego” ou no rendimento, onde a preocupação predominante dos indivíduos consiste em maximizarem a demonstração de elevada capacidade e minimizarem a evidência de pouca ou baixa capacidade e competência pessoal (ter melhores rendimentos ou resultados que os outros ou o resultado do rendimento, vitória e derrota, por exemplo, constituem os principais meios de informação para aferir as capacidades pessoais e para formular as percepções de competência) (Nicholls e Deweck citados por Cruz, 1996:315).”

Nicholls e Deweck citados por Cruz, J.F.A. (1996:315) acrescentam ainda que “as orientações para objetivos determinam também as opções na realização de tarefas mais ou menos difíceis. Por um lado, os indivíduos mais orientados para a capacidade e para o rendimento e com elevadas percepções de competência, à semelhança dos indivíduos mais orientados para a mestria, preferem tarefas desafiadoras, são persistentes e esforçam-se na realização das tarefas.”

No entanto, estes mesmos autores diferenciam que “os indivíduos mais orientados para a capacidade e rendimento, mas com baixas percepções de competência pessoal, preferem tarefas demasiado fáceis ou demasiado difíceis para evitarem a demonstração de falta de capacidade (enquanto as tarefas fáceis são uma “garantia” de sucesso, as tarefas difíceis não significam necessariamente falta de capacidade). Além disso, estes indivíduos caracterizam-se por desanimarem facilmente (baixos níveis de esforço e persistência), aumentando assim a probabilidade de obterem baixos níveis de rendimento.”

Para melhorar a aprendizagem dos diferentes alunos com diferenciação de motivações é necessário criar um importante clima motivacional nas aulas.

Em estudos realizado por Ames (1992 citado por Cruz, 1996:317) em contexto escolares (sala de aula) salientou “a importância de promover um clima motivacional orientado para a mestria e para a tarefa,” mas visando a promoção de “prazer e divertimento, como também desenvolve e melhora as percepções de competência pessoal e a motivação intrínseca dos indivíduos.”

Em Portugal, “o conhecimento neste domínio é ainda manifestamente escasso, razão pela qual procuramos investigar os objetivos de realização e a motivação intrínseca para a prática de Educação Física de alunos do ensino oficial (Fonseca, Maia, e Mota, 2001:98).”

Assim, estes mesmos autores após análise dos resultados verificaram que “os alunos em geral, se orientavam inequivocamente para mais para a Tarefa do que para o Ego; ainda assim, foi evidente que os rapazes se orientavam mais para o Ego do que as raparigas.”

Fonseca, Maia e Mota (2001:98) complementam o seu estudo referindo que “os rapazes parecem igualmente estar mais motivados intrinsecamente para a Educação Física do que as raparigas, particularmente no que concerne às dimensões Competência e Esforço/Importância.”

Em suma, como referem Walling e Duda (1995 citados por Cruz 1996:320) “um clima motivacional orientado para a mestria e para a tarefa caracteriza-se pelo reconhecimento de que:

- a) os erros são apenas e só uma parte do processo de aprendizagem;
- b) todos os atletas, independentemente dos eu estatuto ou rendimento, desempenham um papel importante numa equipa;
- c) o papel do treinador é decisivo, pelo reforço e encorajamento que dá ao esforço, trabalho e melhoria pessoal de cada um dos atletas.

Pelo contrario, quando o clima motivacional é mais orientado para o “ego” ou para o rendimento, os atletas percebem que todos os seus erros ou fracassos são punidos, que apenas “alguns” membros da equipa (as “estrelas”) são reforçados, encorajados e têm a atenção do treinador e que a competição e rivalidade entre atletas no seio das equipas é muito importante para o sucesso desportivo.”

Desenvolveremos uma comparação desta supra citada afirmação que por atletas se poderá entender alunos, por equipa se poderá subentender turma e finalmente por treinador terá significado professor.

6. “O Futebol é um fenómeno antropossocial total (Frade, 1982).”

Como curiosidade e tendo em conta que cada vez mais os nossos alunos querem ser “jogadores de futebol” e sonham em atingir o nível da alta competição do “nosso” Cristiano Ronaldo, registre-se o seguinte: joga-se nas ilhas Scilly, ao largo do Reino Unido, a Liga mais pequena do Mundo apenas com dois clubes participantes. O Garrison Gunners e o Woolpack Wanderers defrontam-se vinte vezes, de Outubro a Março, para decidirem quem é o campeão.

Os jogadores, todos amadores, contentam-se com um pagamento simbólico no final do mês: duas cervejas para cada um.

E além disso, os nossos discentes sonham em praticar um “futebol de alto nível” tal como jogar no estádio Olympique de Avilla Adela que tem uma característica única no Mundo. Inaugurado no final do ano de 2001, o recinto fica situado a mais de 4000 metros de altitude.

Realmente corroboro das palavras de Frade, o futebol é um grande fenómeno social a nível global.

Assim, julgamos que a procura de um jogo mais evoluído nas aulas de educação física depende do nosso entendimento de futebol e posterior transição para o futsal a que se refere este relatório.

Com o aperfeiçoamento permanente, a aprendizagem e as progressões mais corretas o aluno atingirá um nível mais alto.

Já Mesquita (1997:18) refere que “qualquer processo de formação não pode ter como preocupação prioritária a obtenção de resultados imediatos na medida em que a aprendizagem não deve ser norteadada por imperativos de rendimento imediato, sob a pena de se estar a comprometer a evolução futura do jovem praticante.”

A procura da integridade da personalidade do aluno deverá estar sempre presente na aula, pois Garganta (1990, citado por Leal e Quinta, 2001:19) acrescenta que o “jovem futebolista tem que ser acompanhado não apenas nos treinos e nas competições mas também noutros domínios da sua vida.”

Já Jean Jacques Rousseau afirma que “a natureza ordenou que os jovens sejam jovens antes de serem adultos. Se pretendermos alterar esta ordem, produziremos só frutos verdes sem sumo.”

Também neste sentido de construir uma personalidade integral do jovem em crescimento e exercitar ações características da idade, procuraremos que haja uma efetiva evolução dos jovens alunos, devemos criar-lhes um jogo relativamente acessível e facilitador, com regras simples, com menos jogadores e num espaço mais pequeno, permitindo-lhes: a perceção das linhas de força (bola, terreno, adversário e colegas), muitos e diversificados contactos com a bola, a continuidade e prolongamento das ações e com várias possibilidades de concretização na finalização.

Com a ideia pedagógica assumida na escola pelos professores na condução e instrução da sua aula de futebol a formação de jovens futebolistas é uma atividade pedagógica aliciante e atrativa, que exige um elevado sentido de responsabilidade para com o praticante, o sistema desportivo e a sociedade.

Salientamos a importância de fomentar a competição dentro da aula de educação física, no sentido de aproximar a uma realidade competitiva no futebol e posteriormente para o futsal.

Pois esta realidade competitiva é característica dos jovens, tal como, Passer (citado por Marques, 1997) “a competição é particularmente importante para os mais jovens, porque lhes permite comparar as suas capacidades motoras e desportivas, atribuídos muito valorizados entre as crianças e adolescentes.”

Neste contexto, os jogos desportivos coletivos assumem um papel preponderante nos objetivos da disciplina de educação física consoante as dificuldades inerentes da nossa profissão.

Assim, Konzag (1985 citado por Garganta, 1998) afirma que “ cumpre aos Jogos Desportivos Coletivos contribuir para a concretização dos objetivos definidos pelas atividades de educação física e desporto. Para os atingir, torna-se imprescindível um ensino adequado, não obstante as dificuldades apresentadas pelos múltiplos componentes do jogo e as escassas certezas existentes acerca do desenvolvimento metodológico da respetiva formação técnica e tática.”

7. A simplificação da estrutura complexa de jogo

Como ainda existe pouca literatura específica e investigação no futsal, os intervenientes no processo de ensino/aprendizagem suportam o seu desenvolvimento nas fases e nos princípios do jogo do futebol e realizam a sua transição/transferência para esta nova modalidade.

A simplificação da estrutura complexa de jogo tem como objetivo fazer a sua análise estrutural.

7.1 Princípios do ataque

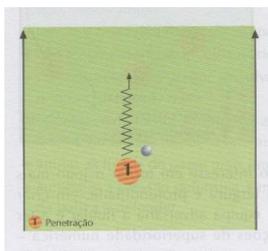
Princípios são as normas de base segundo as quais os alunos, individual, em grupo ou coletivamente, devem coordenar a sua atividade durante o desenvolvimento das fases (defesa e ataque).

- Princípios fundamentais

- . Não permitir a inferioridade numérica
- . Evitar a igualdade numérica
- . Procurar criar a superioridade numérica

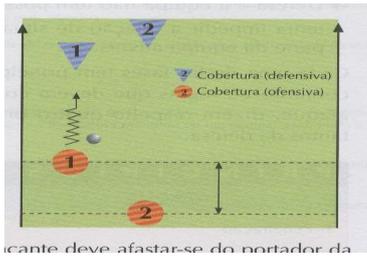
.Princípios específicos do ataque (ver fig. 1)

- Penetração



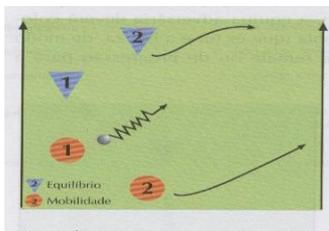
Quando um jogador se encontra na posse de bola, deverá ter como primeira preocupação ver se existe possibilidade de finalização ou espaço livre de progressão para a baliza.

- Cobertura ofensiva



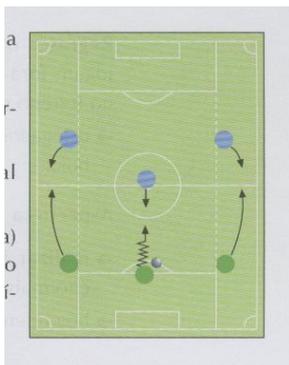
A equipa que ataca, dada a inferioridade numérica, deverá procurar estabelecer o equilíbrio, fazendo apelo a um segundo atacante. Tenta criar uma relação de igualdade 2x2.

- Mobilidade



A situação de 2x2 é menos favorável para o ataque que o 1x1. desta forma justifica-se que o segundo atacante se afaste da bola de forma a libertá-lo da sobremarcação (cobertura defensiva) procurando restituir a situação de 1x1. se o segundo defesa não o acompanhar, está então criada uma linha de passe que deve ser utilizada de forma a criar uma situação de 1x0.

- Espaço



O ataque tem todo o interesse em tornar o jogo mais aberto, com mais amplitude, em largura e profundidade em criar linhas de passe de modo a obrigar o defesa a flutuar e ter maior dificuldade de superioridade numérica.

7.2 Fatores do ataque

Os fatores são os meios que os alunos utilizam, em qualquer fase do jogo, com a finalidade da aplicação dos respectivos princípios, tal como Garganta, J. (1994;11-25) refere;

- Ações individuais

- . Técnicas de remate
- . Técnicas de passe
- . Técnicas de condução
- . Técnicas de recepção, controlo e domínio
- . Técnicas de drible, finta e simulação
- . Técnicas de desmarcação
- . Técnica de lançamento de linha lateral

- Princípios ofensivos

Ações coletivas (elementares)

- . Desmarcações
- . Combinações
- . Princípios ofensivos
- . Permutas, compensações e desdobramentos
- . Esquemas táticos

Ações coletivas (complexas)

- . Tarefas e funções
- . Esquemas táticos
- . Circulações táticas
- . Sistemas táticos
- . Métodos de jogo ofensivo
 - . Ataque organizado
 - . Contra-ataque

7.2.1. Regras para melhorar a ação ofensiva

No ensino do futebol (adaptado posteriormente para o futsal) importa implementar regras de ação específicas que permitam melhorar objetivamente a qualidade ofensiva do jogo:

- Equipa

- . Dispor o maior número de recebedores potenciais
- . Garantir amplitude e profundidade no ataque
- . Canalizar o ataque pelos espaços mais vulneráveis do adversário
- . Fixar a defesa numa zona e jogar noutra
- . Alternar jogo direto/jogo indireto e jogo curto/jogo longo
- . Variar o ritmo de jogo

- Jogador

- . Variar o ritmo e a intensidade dos deslocamentos
- . Realizar coberturas ofensivas ao portador da bola
- . Para receber a bola, correr ao encontro dela (especialmente quando se recebe um passe longo)
- . Movimentar-se afastando-se dos adversários
- . Antes de tentar ultrapassar o adversário direto, procurar desequilibrá-lo através de uma simulação
- . Assumir a iniciativa que a posse de bola confere, obrigando o defensor a adaptar-se (criar-lhe dificuldades)
- . “Atacar” o adversário com mudanças bruscas de direção e velocidade
- . Mascarar a direção do passe
- . Depois do passe movimentar-se para um espaço livre (desmarcações de apoio e/ou ruptura)
- . Ao conduzir a bola mantê-la mais perto de si do que do adversário
- . Procurar o caminho para a baliza com objetividade e agressividade
- . Tirar partido da vantagem de jogar de frente para a baliza adversária
- . Explorar os pontos mais débeis do adversário (“lado mais fraco”)

Observando o jogo como um todo, procuramos reduzir a complexidade da sua estrutura a níveis, que embora mais simples, não desvirtuem a sua natureza fundamental.

Perspetivada a partir de uma análise dialética dos comportamentos em jogo, a divisão do ensino em fases não tem por objetivo a divisão deste em elementos (recepção, passe,

remate,...) mas sim, orientar a sua estruturação em temas principais (unidades funcionais), com o intuito de reduzir o processo de ensino-aprendizagem a uma escala assimilável pelos alunos.

Deste modo podem considerar-se as seguintes unidades funcionais:

- ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO DEFENSIVO:
 - .Marcação individual (igualdade numérica)
 - .Marcação em inferioridade numérica
 - .Fechar espaços

- ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO OFENSIVO:
 - .Desmarcação de apoio e rutura
 - .Criação e ocupação dos espaços

- COMUNICAÇÃO NA AÇÃO DEFENSIVA:
 - .Contenção (parar o ataque)
 - .Conquista da posse da bola
 - .Fechar linhas de passe
 - .Entreajuda (cobertura, dobra)

- COMUNICAÇÃO NA AÇÃO OFENSIVA:
 - .Movimentação para criar constantemente linhas de passe e superioridade numérica

- RELAÇÃO COM BOLA:
 - .Condução/controlo
 - .Passe/receção
 - .Remate
 - .Drible

8. Fases do Ensino do futebol e respetivos objetivos

Fases são as etapas percorridas no desenvolvimento quer do ataque quer da defesa desde o seu início até à sua conclusão com a perspetiva de finalização.

Até chegarmos ao jogo formal torna-se necessário resolver um conjunto de problemas, passíveis de hierarquização, em função da estrutura dos elementos do jogo:

- o jogador, a bola, as balizas, os colegas e os adversários.

Desta forma, esta complexidade impõe que o ensino do futebol seja realizado de uma forma gradual, isto é, do conhecido para o desconhecido, do fácil para o difícil, do menos para o mais complexo.

FASE 1- CONSTRUIR A RELAÇÃO COM BOLA:

- Ataque- da bola possuída à bola trocada

- Defesa- da bola desejada à bola capturada

FASE 2- CONSTRUIR A PRESENÇA DOS ALVOS (BALIZAS):

- Ataque- jogo direto e jogo indireto

- Defesa- da defesa da baliza à defesa do campo

FASE 3- CONSTRUIR A PRESENÇA DO ADVERSÁRIO:

- Ataque- do espaço próximo ao espaço afastado

- Defesa- da ação isolada à ação em bloco

FASE 4- CONSTRUIR A PRESENÇA DOS COLEGAS E ADVERSÁRIOS:

- Ataque- do jogo a solo ao jogo combinado

- Defesa- do jogo afastado ao jogo compacto

FASE 5- DESENVOLVER AS NOÇÕES DE ESPAÇO/TEMPO:

- Ataque- numa estratégia de evitamento

- Defesa- numa estratégia de contacto

(adapt. Dugrand, 1989, citado por Garganta e Pinto, 1998)

9. Transição do futebol para futsal

Atualmente, o Futsal já não é mais visto como uma variante do Futebol, mas como uma modalidade com características e especificidades próprias.

Surtem então, durante os anos de 1986 e 1987 cinco associações a nível Nacional: Porto, Lisboa, Minho, Ribatejo e Aveiro que entretanto decidem criar uma estrutura de âmbito nacional para superentender os destinos da modalidade.

Assim, é fundada em 1988 a Federação Portuguesa de Futebol de Salão, que passou a reger as competições nacionais.

A ligação ao futebol de salão rompe-se face a um manifesto descontentamento das Associações de Futebol de Salão do Porto, Vila Real e Bragança, com o rumo da Federação Portuguesa de Futebol de Salão, decidindo estas abandonar aquela estrutura e fundar a Federação Portuguesa de Futsal o que acontece em 1991. A este núcleo inicial juntaram-se posteriormente as associações de Braga e do Algarve.

O primeiro Campeonato Nacional teve início nesse mesmo ano tendo o primeiro vencedor sido o Miramar Futsal Clube.

Pela primeira vez é utilizada a designação «Futsal» e as regras então adotadas eram já muito semelhantes aquelas que são hoje utilizadas.

Desta forma, a partir de 1991 existiam três estruturas para enquadrar o futebol jogado em pavilhão com 5 jogadores: o futebol de 5, o futebol de salão e o futsal. Conscientes de que esta realidade era fortemente penalizadora para o desenvolvimento, as federações de Futebol e de Futsal iniciaram em 1995 conversações que viriam a culminar na assinatura em 1997 de um protocolo de integração da Federação Portuguesa de Futsal e respetivos clubes na Federação Portuguesa de Futebol (F.P.F.).

Este passo constituiu um marco fundamental no desenvolvimento do futsal (designação adotada pela F.P.F. a partir de 2000) tendo-se assistido a partir daí a um assinalável crescimento do número de atletas que passou de 6.454 na época de 1996/1997 para 18.367 na época 2002/2003 e que correspondeu à implementação do futsal em todo o país num processo que está praticamente concluído (faltando apenas a Madeira e em algumas ilhas dos Açores).

Também em 1997 são criadas a Taça de Portugal e as Taças Nacionais de Juniores A e B; a Supertaça e a Taça Nacional Feminina.

A seleção masculina é pela primeira vez apurada para a fase final de um competição internacional (Campeonato da Europa) em 1999 e também pela primeira vez apurada para a fase final de um Campeonato do Mundo em 2000, no qual se classificou em 3.º lugar e recentemente foi considerado pela terceira vez na história, como melhor jogador do mundo, o Ricardinho, antigo jogador do Sport Lisboa e Benfica-Futsal e jogador da seleção portuguesa de futsal.

Em 2000 realiza-se o primeiro curso de treinadores de futsal na Associação de Futebol do Porto, iniciando-se um processo que visa tornar obrigatória a partir de 2004 (corrente ano) a constituição das equipas técnicas dos clubes com treinadores habilitados com nível adequado à competição em que participam.

Hoje, o futsal está largamente implantado na sociedade portuguesa quer pelo número de praticantes quer pela sua inclusão nos programas do ensino básico e secundário e pela criação de opções de Futsal nos cursos de educação física e/ou desporto do ensino superior.

Este último pressuposto permitiu que o Futsal criasse uma identidade.

Todavia, apesar do desenvolvimento desportivo verificado, são ainda escassas as referências bibliográficas ou a investigação científica que sustentem a intervenção dos treinadores nos diferentes níveis de intervenção da formação desportiva dos jogadores.

10. O futsal na escola

Os Jogos Desportivos Coletivos (JDC), designação que engloba, entre outras, modalidades como o basquetebol, o andebol, o futebol e o voleibol, ocupam um lugar importante na cultura desportiva contemporânea escolar.

No entanto, deveremos salientar que no Programa Nacional de Educação Física (Reajustamento, 2001) ainda não consta qualquer referência à modalidade de Futsal com definição de objetivos, conteúdos e estratégias de ensino da mesma.

No nosso entender, já deveria estar contemplada a modalidade de Futsal no Programa Nacional de Educação Física pois é uma modalidade com enorme potencial e facilmente integrada e aceite pelos nossos alunos pois é mais fácil rentabilizá-la com os pavilhões desportivos (não necessitando de um campo oficial de futebol com 120m de

comprimento por exemplo) e os recursos materiais onde se poderá realizar a totalidade das componentes didáticas de jogo.

Por outro lado, verificamos uma enorme aceitação por parte dos alunos nas aulas e com grande implementação no Desporto Escolar pelo país fora, por onde já lecionamos tal como nas escolas secundarias de Castelo Branco, Santarém, Cascais, Mem Martins, Fazendas de Almeirim , Rio Maior e agora Valpaços (só para salientarmos os últimos 6 anos letivos).

“No panorama nacional, quer ao nível do Desporto Escolar (DE) quer ao nível do Desporto Universitário, o Futsal é já a modalidade coletiva com maior número de praticantes. Devido a este facto consideramos que o Futsal assume desde já um grau de enorme relevância na formação desportiva dos nossos jovens e como tal urge o desenvolvimento de mais conhecimento no que diz respeito aos conteúdos a abordar nos diferentes níveis de formação dos jovens praticantes em contexto escolar e competitivo (Braz, Mendes e Palas, s/d: 6).”

Contudo, como consequência da riqueza de situações que provocam, os jogos desportivos coletivos evidenciam um excelente meio formativo porque na sua prática, corretamente ministrada, introduz o desenvolvimento de competências de entre os quais salientamos o tático-cognitivo, o técnico e o sócio afetivo.

Nesta perspetiva, contribuem de forma privilegiada para a concretização dos objetivos definidos pelas atividades de Educação Física (EF) e Desporto.

Como poderemos compreender o jogo?

O grande objetivo do jogo pode ser descrita pela necessidade da equipa coordenar as suas ações para recapturar, conservar e transportar a bola até uma zona de finalização para a obtenção do golo.

No entanto, também a mesma deverá interagir em relações de cooperação para atingir objetivos que envolvem os membros da equipa de modo a evitar a marcação de golos por parte dos jogadores adversários.

Entendemos neste sentido o futsal como um jogo com uma atividade de grande complexidade e dinamismo, em consequência de múltiplos fatores que incidem diretamente nas ações dos jogadores, das equipas e no próprio desenrolar do próprio jogo.

Assim, pretendemos demonstrar que seja fundamental para o planeamento da aula e do jogo, desde as etapas mais baixas de formação até ao alto rendimento.

11. Etapas de Aprendizagem

11.1 Unidades Funcionais

Os níveis de desempenho no Futsal

Como referência o jogo praticado pelos alunos que o iniciam e o nível de desempenho desejado podemos caracterizar a sua evolução em diferentes níveis evolutivos.

Neste sentido, consideramos “os comportamentos observados em relação:

- (i) às ações individuais com e sem bola,
- (ii) ao conhecimento do jogo e seus objetivos,
- (iii) à organização posicional e estrutural
- (iv) e à organização funcional e dinâmica coletiva geradas,

tal como Guilherme & Braz (2013 citado por Braz, Mendes e Palas, s/d: 16) consideram a existência de 4 níveis qualitativos de desempenho, a saber:

1. o nível básico,
2. o nível elementar,
3. o nível intermédio
4. e o nível de especialização.”

Após a real identificação destes níveis, estamos cientes que os mesmos interagem e demonstram alguma inter-relação na operacionalização nas aulas.

Assim, “de acordo com a proposta de Guilherme & Braz (2013 citado por Braz, Mendes e Palas, s/d:16) a caracterização dos níveis de desempenho pode ser considerada do seguinte quadro adaptado:

Quadro 1: Os 4 níveis qualitativos de desempenho, adaptado de Guilherme & Braz (2013 citado por Braz, Mendes e Palas, s/d: 16-17)

Nível	Objetivos	Comportamentos/Ações
Básico	Ações individuais com e sem bola	- jogar a bola -rudimentar relacionamento com a bola - grandes dificuldades na execução das ações técnicas -diminuto envolvimento e participação no jogo -organização posicional e funcional é residual - jogo num conjunto de ações individuais, isoladas e sem

		<p>sequência coletiva intencional</p> <ul style="list-style-type: none"> - aglomeração dos jogadores em torno da bola - essencialmente individual e desorganizada - pouca consciência do objetivo primeiro do jogo, a marcação de golos
Elementar	Conhecimento do jogo e seus objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - início do entendimento do jogo - melhoria no relacionamento individual com a bola - o surgimento de sequências de jogo individuais e coletivas - frequentes erros técnicos não provocados - alguma organização posicional e funcional em situações específicas simplificadas - diminuição da aglomeração em torno da bola - continua uma individualização das ações dos diferentes jogadores, em detrimento da organização coletiva
Intermédio	Organização posicional e estrutural	<ul style="list-style-type: none"> - entendido do jogo como um projeto coletivo - as ações individuais visam o benefício da equipa - elevada ocorrência de sequências de ações ininterruptas - cada vez menos erros não provocados - evidenciar organização posicional nas diferentes fases/momentos - e os jogadores têm consciência dos distintos posicionamentos estruturais e das respetivas tarefas e funções - ocupação dos espaços, defensivos como ofensivos, mais equilibrada de acordo com as fases/momentos de jogo - enquadramento coletivo nas ações individuais começam a evidenciar - o jogo mais dinâmico.
Especialização	Nível de Especialização - Organização funcional e dinâmica coletiva	<ul style="list-style-type: none"> - projeto realmente coletivo - jogar com organização estrutural e funcional complexa - uma dinâmica coletiva com padrões de ação referenciais - jogadores com frequente e adequada mobilidade e equilíbrio posicional permanente - A mobilidade é motivada pelas movimentações específicas das diferentes posições - pelos permanentes movimentos de trocas posicionais – rotações - no equilíbrio posicional os jogadores já são capazes de diferenciar e assumir as distintas posições e as respetivas funções, tanto a atacar como a defender

Após caracterização dos níveis de desempenho, os mesmos autores sistematizaram ainda os conteúdos a abordar em cada um dos níveis de desempenho com o seguinte quadro:

Quadro 2 - Relação dos conteúdos com os respetivos níveis de desempenho.
Adaptado de Guilherme & Braz (2013 citado por Braz, Mendes e Palas, s/d: 17)

NÍVEIS DE DESEMPENHO				
CONTEÚDOS	BÁSICO	ELEMENTAR	INTERMÉDIO	ESPECIALIZAÇÃO
Relação com a bola	Controlo da bola Passe vs receção Condução Remate Posição defensiva	Controlo da bola Passe vs receção Condução Remate Drible/Finta Posição defensiva Interceção/desarme	Controlo da bola Passe vs receção Condução Remate Drible/Finta Posição defensiva Interceção/desarme	Controlo da bola Passe vs receção Condução Remate Drible/Finta Posição defensiva Interceção/desarme
Princípios ofensivos	Penetração Cobertura ofensiva	Penetração Cobertura ofensiva	Penetração Cobertura ofensiva Mobilidade Espaço	Penetração Cobertura ofensiva Mobilidade Espaço
Princípios defensivos	Contenção	Contenção Cobertura defensiva	Contenção Cobertura defensiva Equilíbrio Concentração	Contenção Cobertura defensiva Equilíbrio Concentração

Esta proposta por níveis de desempenho conflui na compreensão dos conteúdos a exercitar e dos quais que levam ao conhecimento do jogo como desporto coletivo e à capacidade que os jogadores em resolver a complexidade dos problemas do mesmo jogo coletivamente.

12. Proposta metodológica para operacionalização dos conteúdos de treino no ensino do jogo de futsal

No passado o ensino dos JDC, “primeiro se deveria dar ênfase às habilidades básicas do jogo, ao ensino hierarquizado das técnicas de uma forma isolada e repetitiva, dotando os jogadores de mais ferramentas para intervirem no jogo (Braz, Mendes e Palas, s/d: 20).”

Mas, por vezes esta abordagem levava a problemas na compreensão do jogo como um todo.

Assim, “uma das alternativas proposta ao modelo anterior foi o modelo de ensino dos jogos para a compreensão (Teaching Games for Understanding – TGfU) que enfatiza que a atenção seja colocada no desenvolvimento da capacidade de jogo através da compreensão tática do mesmo (Bunker & Thorpe, 1982 citados por Braz, Mendes e Palas, s/d: 20).”

Progressivamente, “a ideia do modelo anterior tem como objetivo deixar de ver o jogo como um momento de aplicação de técnicas, para passar a vê-lo como um espaço de resolução de problemas, tendo por base a complexidade do próprio jogo, em que as ações técnicas são vistas como um meio para atingir um fim e não um fim em si mesmo (Braz, Mendes e Palas, s/d: 20).”

Este modelo de ensino tendo por base os aspetos táticos do jogo, a compreensão dos princípios de jogo, que incidem sobre a tomada de decisão do que fazer e como fazer nas diversas situações que o jogo apresenta na sua dinâmica.

Como consequência, “a metodologia que tem vindo a ser mais utilizada no ensino do jogo de Futsal, vai ao encontro do modelo de ensino dos jogos para a compreensão, através da decomposição do jogo nas várias unidades funcionais como são os casos das estruturas (GR+1x1+GR); (GR+2x2+GR), (GR+3x3+GR), e (GR+4x4+GR) (Braz, Mendes e Palas, s/d: 20).”

No entanto, a sua operacionalização denota fragilidades, pois devemos perceber a diferença entre os níveis de complexidade e de dificuldade das estruturas funcionais em consequência das capacidades individuais e relacionais dos jogadores.

Quadro 3: Diferença nos níveis de operacionalização das estruturas do jogo (Braz, Mendes e Palas, s/d: 20).

Meios/Estrutura	Objetivo Geral	Objetivos comportamentais
GR+1x1+GR	ultrapassar o oponente direto e progredir para a baliza com o intuito de fazer golo	-fraca compreensão de jogo -défices técnicos que limitam sobremaneira a sua relação com a bola - condicionando a fluência do jogo e a evolução do jogador
GR+2x2+GR	- o portador da bola poderá optar entre duas situações: - driblar um dos adversários progredindo de imediato para a baliza -ou passar a bola e desmarcar-se - combinações simples ou diretas - ou dar apoio (princípio da cobertura ofensiva)	-a qualidade de passe e receção são muito débeis
GR+3x3+GR	- o portador da bola, já tem 3 possibilidades de linha de passe, se incluirmos a do	- não têm compreensão de jogo que permita perceber os posicionamentos que devem adotar em função da dinâmica que o jogo assume ou de acordo com os

	<p>GR (apesar de estar condicionada pelo regulamento)</p> <ul style="list-style-type: none"> -o portador da bola ocupa o corredor central podendo-a passar para o colega da direita ou esquerda, desmarcando-se de seguida - realização de combinações diretas ou indiretas ou ficar a dar apoio - ocupação equilibrada em largura no campo 	<p>princípios de jogo</p> <ul style="list-style-type: none"> - inversão de posicionamentos em relação ao jogador do corredor central: quando ataca se encontra numa posição mais recuada e quando defende posiciona-se numa posição mais avançada
GR+4x4+GR	<ul style="list-style-type: none"> - maior quantidade de mesmo com erros, a continuidade de jogo pode ser assegurada -ao nível tático, ocupem de uma forma mais equilibrada e organizada - compreensão dos princípios específicos de jogo: <ul style="list-style-type: none"> ofensivos – penetração, cobertura ofensiva, mobilidade, espaço; defensivos – contenção, cobertura defensiva, equilíbrio, concentração. 	<ul style="list-style-type: none"> -situações deverão ser manipuladas (variação de espaço, sectores e corredores a ocupar, tamanho das balizas, número de balizas) -permitir realçar os comportamentos individuais e os princípios específicos de jogo - O recurso a situações de superioridade / inferioridade numérica ou da existência de jokers de apoio no exterior do campo a partir da lógica de ocupação espacial da estrutura GR+4x4+GR poderão também ser soluções viáveis a explorar (por exemplo GR+2x1+GR, GR+3x1+GR, GR+4x2+GR ou GR+4x3+GR).

Conclui assim Braz, Mendes e Palas (s/d: 22), “os princípios específicos de jogo devem começar a ser trabalhados desde o início do processo formativo no Futsal” e acrescentam ainda que “a compreensão do jogo e a introdução de regras básicas para potenciar a cooperação entre os jogadores na realização de situações jogadas deverão ter por base os referidos princípios.”

Braz, Mendes e Palas (s/d: 22) referem que “a reflexão que temos vindo a fazer remete-nos para o jogo na estrutura GR+4x4+GR enquanto estrutura funcional mais adequada para iniciar o processo de ensino-aprendizagem no jogo de Futsal.”

Contudo qual será a estrutura para iniciar o processo de ensino/aprendizagem?

Será o “1:3:1” o “1:4:0” ou o “1:2:2”?

Tanto a proposta de Guilherme & Braz (2013 citados por Braz, Mendes e Palas, s/d: 23) como o estudo de Mendes, J.L. (2014) “convergem no sentido de que a estrutura 1:3:1 é a mais favorável para a aprendizagem do jogo onde se deve dar particular destaque ao conhecimento das várias organizações estruturais, com especial ênfase nesta.”

Quadro 4: Objetivos da estrutura 1:3:1 adaptado de (Braz, Mendes e Palas, s/d: 23).

	Objetivo geral	Objetivo comportamental
"1:3:1"	<ul style="list-style-type: none"> -mais favorável para a aprendizagem do jogo -particularmente no conhecimento das várias organizações estruturais -ocupação mais equilibrada dos espaços quer em largura e profundidade, quer a defender como a atacar 	<ul style="list-style-type: none"> - passe mais seguro e mais eficaz na diagonal -tendo em consideração o posicionamento defensivo do adversário -o passe vertical (paralela), é provavelmente mais fácil de ser interceptado pelo defensor do portador da bola -excetuando situações muito específicas de passes na paralela, onde a profundidade é conseguida, mas em espaços afastados da baliza - o passe lateral é um passe de risco, em virtude da proximidade e do posicionamento fechado dos defensores - é realizado em espaços mais curtos, após desmarcações de apoio, precedidas de desmarcações de rutura interrompidas (quebras) - o passe em diagonal é o mais frequente e permite, simultaneamente, uma maior continuidade e segurança do jogo ofensivo - especialização dos jogadores nas várias posições (fixo, ala e pivô). - método de jogo defensivo defesa individual e a defesa à zona.

Braz, Mendes e Palas, (s/d: 24) acrescentam que “as configurações de losango e de triângulo, também para a defesa, são catalisadoras e facilitadoras dos comportamentos pretendidos e do entendimento do modo de jogar para que se possa defender com equilíbrio” e concluem ainda que “a variação entre alguns comportamentos de defesa zonal ou de defesa individual, permitirão dotar os jogadores, mais uma vez, de maiores capacidades individuais e de um grande conhecimento do jogo que lhes permita uma aprendizagem mais efetiva dos diferentes métodos defensivos no futuro.”

13. Como operacionalizar as etapas aprendizagem de jogo nas aulas

Por último, a questão que nos aflora colocar será de como ensinar estes aspetos ao longo das diferentes etapas de aprendizagem do jogo nas aulas de educação física?

Desde o início do processo de instrução na formação, a decomposição e a simplificação da complexidade do jogo, sem lhe diminuir a essência, e mantendo a representatividade nos exercícios da aula terá uma importante acrescida na operacionalização ao longo dos diferentes níveis de desempenho.

Iniciamos a sustentação do processo ensino/aprendizagem com o desenvolvimento gradual e crescente das estruturas simplificadas do jogo, articulando-as com a funcionalidade visando a melhoria evolutiva das capacidades individuais e coletivas na prática do jogo do Futsal.

Assim, sustentamo-nos desta estruturação de conteúdos e destes princípios definidos para sustentar o processo ensino-aprendizagem, adaptamos e apresentamos de seguida alguns exemplos de exercícios que consideramos adequados para cada um dos níveis de desempenho a propor para operacionalizar nas aulas tendo como objetivo elucidar o tipo de intervenção requerido para potenciar a eficácia do processo na aprendizagem do jogo.

14. Construção de exercício de treino de acordo com os conteúdos a abordar nos diferentes níveis de desempenho

Capacidades coordenativas com e sem bola aplicadas em contextos básicos do jogo

Quadro 5: Construção de exercício de treino de acordo com os conteúdos a abordar nos diferentes níveis de desempenho adaptado de Braz, Mendes e Palas, s/d: 26-72.

Conteúdos prioritários	Etapas	Exercícios
Relacionamento com e sem bola (nível básico)	-situações analíticas e representativas de jogo, das ações técnicas individuais ofensivas -o desenvolvimento das	- realização de jogos de baixa dificuldade e complexidade - recurso a jokers

	<p>capacidades coordenativas de multilateralidade e agilidade</p> <p>-Introdução dos princípios específicos do ataque, a penetração através da progressão em condução de bola, drible, finta ou do passe</p> <p>- dirigir as ações técnico-táticas para a baliza adversária e cobertura ofensiva a aumentar o número de soluções de ataque do portador da bola (drible, passe, remate e desmarcação)</p> <p>- a contenção por parte de quem defende, e os princípios posicionais a ela inerentes, em oposição ao princípio da penetração.</p>	
Entendimento do jogo enquanto projeto de jogo (nível elementar)	<p>- continuidade no desenvolvimento das habilidades técnicas</p> <p>-com o objetivo que o jogo tenha continuidade e dinâmica</p> <p>- ações técnicas individuais ofensivas sem bola (simulação e desmarcação) através de combinações simples e diretas</p> <p>--relevância a aspetos relacionados com a cooperação e oposição</p> <p>-princípios específicos da cobertura ofensiva e defensiva</p> <p>-no ataque o apoio ao portador da bola, através de linhas de passe seguras</p> <p>-na defesa o praticante que não está a marcar diretamente o portador da posse de bola deve realizar ações defensivas</p> <p>-na defesa implementar as marcações, compensações e dobradas.</p>	<p>-trabalho específico do GR e para as situações de transição em superioridade e inferioridade numérica.</p> <p>-promover exercícios com recurso a jokers ou a situações de vantagem numérica em espaços delimitados como elementos facilitadores da continuidade do processo ofensivo</p> <p>-obrigando uma reorganização mais rápida no processo defensivo</p>
	-Aumentar a complexidade para	-desenvolver a articulação funcional nas

<p>Organização posicional e estrutural para diferentes fases/momentos do jogo (nível intermédio)</p>	<p>desenvolver as habilidades específicas do jogo</p> <ul style="list-style-type: none"> -No ataque- princípios específicos da mobilidade e espaço para jogar com mais largura e profundidade -mais dinâmica e continuidade ao jogo - Na defesa: os princípios do equilíbrio e concentração 	<p>várias organizações estruturais, com especial incidência no sistema 1:3:1</p> <ul style="list-style-type: none"> -situações de estratégia ofensivas/defensivas (fragmentos do jogo) -sistematização dos conteúdos de atacar em superioridade numérica igualdade numérica e de defender em inferioridade numérica -trabalho específico do GR
<p>Organização e dinâmica coletiva para a variabilidade do jogo (nível de especialização)</p>	<ul style="list-style-type: none"> -o treino das habilidades específicas em contextos de elevadas exigências e especialização -aprimorar todos os princípios específicos, defensivos e ofensivos, para os níveis de jogo de maior complexidade e em função da variabilidade do mesmo No ataque - quais são as tarefas e funções a desempenhar em função das posições específicas que ocupam -os contextos momentâneos em que identifiquem os momentos que devem ter posse de bola ou progredirem para a baliza adversária -Interligar sistemas de jogo e a respetiva articulação funcional por forma a contrariar a organização defensiva adversária. Na defesa- quais momentos para pressionar e recuperar a bola ou retardar a progressão dos adversários para a baliza. - Variação do método defensivo em função do ataque adversário e das linhas de pressão defensivas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Enfoque às situações específicas do jogo GR +4x3+GR e 5x4+GR.

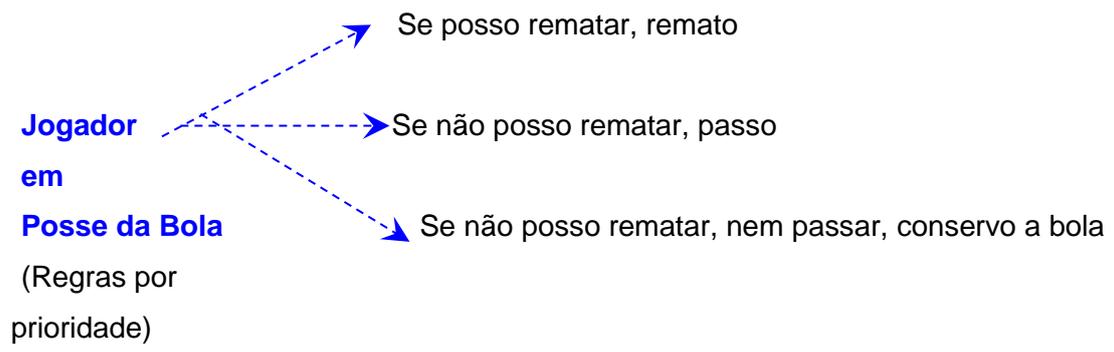
15. Construção das situações de ensino-aprendizagem

Para que os princípios de ação e as regras de gestão do jogo possam ser vivenciados e assimilados, torna-se necessário recorrer a um conjunto de variáveis de evolução, em que a sua utilização permite induzir transformações na configuração do jogo, assim como nos comportamentos e atitudes dos jogadores.

Mencionamos algumas dessas variáveis:

1. BOLA
 - Peso, perímetro
 - Número
2. BALIZAS
 - Dimensões e posição
 - Número
3. ESPAÇO DE JOGO
 - Dimensões (comprimento, largura)
 - Zonas invulneráveis
 - Zonas interditas
4. Nº DE JOGADORES
 - Efetivo reduzido (2x2, 3x3, ...)
 - Desequilíbrio ataque-defesa (desigualdade numérica)
 - Utilização de *jokers*
5. REGRAS
 - Interditar a comunicação verbal
 - Interditar o contato físico
6. OUTRAS
 - Limitar o tempo entre a recuperação da bola e o remate à baliza
 - Limitar o número de toques na bola (jogador/equipa)
 - Defesa à zona ou individual

Muitas das vezes apoiamo-nos nas regras de ação da atividade “Algoritmo” de desempenho na consciencialização e no entendimento técnico-tático dentro dos exercícios e mesmo dentro do próprio jogo que com extrema frequência utilizamos como feedback no desempenho dos alunos, pois isto poderá evidenciar um jogo mais evoluído e fluido como jogo desportivo coletivo de excelência na concretização de ações a realizar aquando da posse e manutenção da posse da bola do jogador, a saber:



16. A Unidade Didática de Futsal

“Grandes pedagogos do passado chamaram sempre a atenção para o facto de que o conhecimento dos pressupostos psíquicos, físicos e outros dos alunos constitui uma condição fundamental para o êxito da atividade pedagógica (Bento, 1986:8).”

Neste capítulo iremos demonstrar que todo processo de ensino aprendizagem está envolvido por inúmeras variáveis a desenvolver no seu planeamento, realização e reflexão do processo de instrução da nossa ação como docente.

São estas, as variáveis de presságio, do processo, do programa, do produto e, por fim, as variáveis que mais nos interessam e que ganham importância neste estudo – as variáveis do contexto.

Estas dizem respeito ao envolvimento do processo de ensino-aprendizagem, ao qual o professor tem que se adaptar; são elas: experiências formativas do aluno, os atributos do aluno, contexto da escola e da comunidade e contexto da classe.

Dos vários elementos ou fatores que dão forma ao processo de ensino-aprendizagem, destacamos o nosso papel de professor e dos nossos alunos, e particularmente a relação que criamos com os seus alunos.

Sendo esta relação a uma das valências de todo o processo, o conhecimento por nossa parte como professor das características (físicas, psíquicas, sócio afetivas, económicas, hábitos e saúde, etc.) dos nossos alunos, vai influenciar e de certo modo facilitar, desde o primeiro momento todas as nossas tarefas de professor (planeamento, realização e avaliação).

Por conseguinte, isto engloba conhecimentos sobre o estado de desenvolvimento dos processos e qualidades psicofísicas, sobre as particularidades individuais, sobre as forças e fraquezas de cada aluno, sobre as potencialidades, tendências e limites contidos num dado nível de desenvolvimento.

Pretendemos identificar com mais precisão e fomentar o desenvolvimento ótimo de cada aluno pressupõe pois o seu exato conhecimento e englobar nos níveis correspondentes da modalidade.

São estes aspetos que deveremos como professor conhecer à priori, de modo a interpretar corretamente as atitudes dos alunos visando o estabelecimento de interações

positivas, comportamentos e desempenhos por padrões de um outro mundo desportivo alheio à condição do aluno.

Torna-se imperioso conhecer-mos as atitudes dos alunos face à disciplina, quais as motivações e aspirações de cada um, dado que sabemos que cada aluno expressa uma personalidade diferente e transportam vivências desportivas diferenciadas.

Com efeito, o professor poderá atender melhor às expectativas individuais de cada um, aumentando assim a motivação e interesse dos discentes pela disciplina.

Assim, deveremos ter em especial atenção nas nossas preocupações todos os aspetos de aptidões, motivação e interesses que nos conduzem na direção de apontar com maior rigor a nossa intervenção na instrução sempre com a ideia global do nível de entrada dos nossos discentes, para melhorar e conjugar as exigências, as dificuldades das atividades com as reais possibilidades dos mesmos, visualizar as possíveis dispersões de motivação e entusiasmo e por último perceber o que cada um apreende e transporta os nossos ensinamentos como experiência global.

Na elaboração desta Unidade Temática tivemos presente a preocupação de seguir o Modelo de Estrutura de Conhecimentos (MEC). Este Modelo possui um vasto número de informações essenciais para a construção de uma Unidade Temática, que é distribuído por vários passos (módulos).

Sendo assim, iniciamos com a fase de análise onde recolhemos informações sobre a modalidade, meio envolvente e alunos a quem se destina esta Unidade Didática.

Na fase das decisões determinamos a extensão e sequência da matéria a abordar, definimos os objetivos a alcançar no final da Unidade Temática, configuramos a avaliação a utilizar nos vários momentos e criamos as progressões de ensino a seguir.

Para terminar, na fase de aplicação, elaboramos a grelha da unidade didática e a sua respetiva justificação.

Consideramos que se seguirmos estes passos nada será deixado ao acaso tendo todos os aspetos merecido a devida atenção.

16.1. Caracterização do Envolvimento - Espaço

O Agrupamento de Escolas de Valpaços tem 2 pavilhões gimnodesportivos à disposição, sendo um deles (um pouco mais degradado e mais antigo) na sede do mesmo.

Dispõe ainda de um outro, o pavilhão da Escola EB 2,3 de Júlio de Carvalhal (muito mais moderno e de construção recente) que se situa no fim da mesma rua para onde os alunos se deslocam a pé para aí realizarem a aula.

Um inconveniente inerente ao pavilhão da escola secundária relaciona-se com as frequentes más condições climatéricas que impedem a realização das aulas práticas pois o teto tem fugas e caem gotas de água da chuva nas linhas laterais do campo do jogo de futsal/andebol o que torna perigoso as ações de mudança de direção nesses espaços.

Muitas das vezes, esses espaços ficam interditos para assegurar a segurança na aula dos discentes, como se verificam nas fotos demonstrativas abaixo.



Com isto pretendemos demonstrar que muitas das vezes o realização do planeamento das aulas e da sua posterior operacionalização prática têm por vezes imponderáveis que não controlamos mas podemos prever para uma improvisação das alterações de exercícios por vezes no momento (pois podemos encontrar um piso seco no início da aula mas passados poucos minutos o piso fica extremamente escorregadio nestes espaços).

Por esta razão, a nossa experiencia de operacionalização na modalidade de futebol em espaços abertos de campos grandes com constantes alterações climatéricas e com as consequentes alterações de condições do piso (mais seco e mais molhado) o que provoca alterações de aula e de ações dos alunos perante a resolução destes problemas de jogo e treino e agora transferidos, em parte, para o futsal, levamos com confiança as rápidas

alterações de objetivos de exercícios, de alterações dos espaços e dos critérios de êxito para os conteúdos a ministrar.

No entanto, tendo em atenção a segurança dos alunos, como a rotatividade entre os 2 pavilhões é realizado pelo coordenador do agrupamento e devido ao reduzido número de professores nas duas escolas, requisitamos em regime de quase exclusividade, o pavilhão da escola básica durante o restante mês.

Pois, sendo este de construção mais recente e com piso de excelência para a pratica da modalidade de futsal, é mais motivante e em segurança total para os nossos alunos desenvolverem a totalidade das ações, deslocamentos e mudanças de direção e ocupação total e racional do espaço de campo, em extrema segurança, assim como existe mais material pedagógico de apoio para ministrar a aula.

Por fim, devido à rotatividade dos espaços neste ultimo pavilhão, desde as 16:30 h até as 17:20h o mesmo é sempre ocupado por 2 professores em simultâneo o que leva a dividir o espaço em duas metades reduzindo assim o espaço disponível para os jogos finais na minha turma com 22 alunos.

Mas, depois de uma semana, após dialogo com o outro professor no mesmo pavilhão, ele deixava-nos a totalidade do pavilhão no segundo tempo letivo, pois saía para realizar atletismo no espaço exterior, o que se tornou imprescindível para a evolução desta turma no jogo formal.

16.2 Material Pedagógico

Quadro 6: Material na escola.

Material	Quantidade
Balizas	2
Bola N°5	15
Bola futebol salão	8
Sinalizadores verticais	20
Sinalizadores pequenos	50
Balizas pequenas	2
Coletes (variadas cores)	20

16.3 Caracterização dos Alunos

A turma é constituída por 22 alunos, sendo 16 do sexo feminino e 6 do sexo masculino.

Uma das alunas (a número dezasseis) pertence ao currículo alternativo e um aluno, número vinte e um, nunca faz a aula pois tem demonstrado mutismo seletivo e nunca se faz acompanhar do material para a aula.

16.4 Grelha da Unidade Didática de Futsal

Quadro 7: As funções didáticas na unidade didática de futsal

		CONTEÚDOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
HABILIDADES MOTORAS - TÉCNICAS	Habilidades Técnicas	Passe/recepção	AD	T/E	E	E	E	E	E/C	C	C	AS
		Condução de Bola	AD	T/E	E	E	E	E	E/C	C	C	AS
		Remate			T/E	E	E	E	E/C	C	C	AS
		Marcação individual						T/E	E/C	C	C	AS
ACÇÕES INDIVIDUAIS OFENSIVAS	Princípios ofensivos	Penetração	AD	T/E	E	E	E/C	C		C	C	AS
		Cobertura	AD	T/E	E	E	E	E		C	C	AS
		Mobilidade	AD		T/E	E	E	E	E/C	C	C	AS
		Espaço					E	E	E/C	C	C	AS
ACÇÕES INDIVIDUAIS DEFENSIVAS	Princípios defensivos	Contenção	AD	T/E	E		E	E/C	E/C	C	C	AS
		Cobertura	AD		E		E	E/C	E/C	C	C	AS
		Equilíbrio			T/E		E	E	E/C	C	C	AS
		Concentração					E	E	E/C	C	C	AS
HABILIDADES MOTORAS TÁCTICAS	Formas jogadas	1x1				E						
		2x2			E	E		E				
	Jogos reduzidos	3x3	AD	T/E	E	E	E	E	E/C	C	C	AS
		4x4										
	Jogo formal	Gr+4x4+Gr								E/C	E/C	AS
CULTURA DESPORTIVA	Regras		T/E	E	E	E	E	E/C	E	E	AS	
FISIOLOGIA E CONDIÇÃO FÍSICA	Aquecimento			E	E	E	E	E	E	E	E	AS
	Condição Física			E	E	E	E	E	E	E	E	AS
	Retorno à calma			E	E	E	E	E	E	E	E	AS
CONCEITOS PSICO-SOCIAIS	Autonomia		E	E	E	E	E	E	E	E	E	AS
	Participação		E	E	E	E	E	E	E	E	E	AS
	Fair Play			E	E	E	E	E	E	E	E	AS

Legenda	AD – Avaliação diagnóstica	T / E – Transmissão e Execução	E – Execução	E/C – Execução e Consolidação	C – Consolidação	AS – Avaliação Sumativa.
----------------	----------------------------	--------------------------------	--------------	-------------------------------	------------------	--------------------------

16.5 Justificação da Unidade Didática de Futsal

A presente Unidade Didática (U.D) de futsal, destina-se a uma turma de 22 alunos, mais propriamente o 9º ano de escolaridade da turma C.

Esta U.D. engloba um total de 10 aulas, sendo uma dedicada à Avaliação Diagnostica e outra para a Avaliação Sumativa.

Ficam ainda disponíveis 8 aulas para as funções didáticas de Transmissão, Exercitação e Consolidação Exercitação da matéria a abordar.

Na primeira aula da U.D., a Avaliação Diagnostica, tínhamos como objetivo principal determinar o nível de capacidades e habilidades motoras dos alunos.

Para isso elaboramos uma ficha de avaliação diagnóstico com 5 níveis, sendo eles:

- 1- Não executa
- 2- Executa com erros
- 3- Executa
- 4- Executa Bem
- 5- Excelente

Face a estes critérios e após o tratamento dos dados, chegamos à conclusão de que os alunos da turma se encontram em três níveis distintos.

Tabela 1 : Alunos por níveis

Níveis	Nº de alunos
1-2	8
2.1-3	10
3.1-4	3
4.1-5	0

Assim, com esta tabela por níveis dos resultados obtidos pelos alunos, a maioria da turma, 8 alunos, encontram-se no nível Básico, 10 no nível Elementar e somente 3 alunos encontra-se no nível Intermédio e nenhum no nível Especialização.

A caracterização dos alunos da turma teve por base a Avaliação Inicial efetuada através da observação dos alunos em situação de jogo 3x3 em campo reduzido e avaliação de exercícios critério específicos da técnica individual.

Nesta avaliação, os alunos foram observados relativamente aos conhecimentos que tinham do jogo, tendo em conta os seguintes aspetos:

AÇÃO OFENSIVA:

- Depois de passar a bola ao colega, desmarca-se para receber (Passe e Vai);
- Sem a posse de bola, cria linhas de passe de apoio ou de rutura;
- O portador da bola joga de cabeça levantada para “ler” o jogo;
- “Ataca” o adversário, de modo a criar superioridade numérica e/ou finalizar.

AÇÃO DEFENSIVA:

- Adota uma posição defensiva básica;
- Orienta os apoios e enquadra-se defensivamente;
- Pressiona o portador da bola;
- Envia o ataque para a periferia ou para espaços mais recuados.

Em termos gerais, estamos perante uma turma sendo maioritariamente do sexo feminino (16) que apresentam uma grande disponibilidade para a exercitação sendo muito voluntariosas, empenhadas na sua exercitação e na aprendizagem.

Embora não tenha sido o alvo prioritário de avaliação, podemos dizer que, no que respeita aos aspetos regulamentares, a turma de um modo geral parece ter as noções básicas acerca da modalidade.

Em termos táticos, o jogo caracteriza-se, por parte da maioria das raparigas, por um excesso de verbalização, as jogadoras centram-se todas em torno da bola e a circulação desta não é voluntária, denotando dificuldades no contato com a bola e visão sistemática sobre a mesma.

Um outro grupo de alunos tem como objetivo fundamental a finalização, daí que, os jogadores têm apenas duas funções, os que defendem e os que rematam; todas as ações são organizadas em função das balizas e existe uma grande pressão ofensiva.

Perante a Avaliação Inicial efetuada, distribuímos os alunos em grupos pelos três níveis anteriormente citados.

Tabela 2: Distribuição dos alunos por grupo e por níveis

NÍVEL BÁSICO	Nº	NÍVEL ELEMENTAR	Nº	NÍVEL INTERMÉDIO	Nº
Rapariga 1	1	Rapariga 2	3	Rapaz 1	2
Rapariga 5	6	Rapariga 4	5	Rapaz 4	11
Rapariga 9	13	Rapaz 2	7	Rapariga 8	12
Rapariga 10	15	Rapariga 6	8		
Rapariga 11	16	Rapariga 7	9		
Rapariga14	19	Rapaz 3	10		
Rapariga 15	20	Rapaz 5	14		
Rapariga16	22	Rapariga 12	17		
		Rapariga 13	18		

Esta divisão em 3 grupos permitiu-nos planear as aulas por níveis, de forma a não prejudicar quer os alunos com mais dificuldades, quer aqueles que possuem um melhor conhecimento do jogo.

Pensamos que assim estiveram reunidas as condições para que o processo de ensino-aprendizagem decorra de forma satisfatória para o interesse de todos.

Tendo em conta as dificuldades dos alunos, a segunda e terceira aula incidiu sobre a relação com bola, mais precisamente sobre a transmissão e exercitação dos elementos técnicos, tais como o passe/receção e o drible (condução de bola), e isto porque constituem elementos básicos e fundamentais para o exímio desenrolar da aprendizagem.

E uma vez que, destes três elementos, o passe foi sem dúvida o elemento executado com maior qualidade, penso que através da sua introdução desde o início da U.D. os alunos tinham tempo suficiente para o melhorar e aperfeiçoar, para além de que para passar implica automaticamente receber e sendo assim, a receção também se tornou um dos aspetos mais importantes num jogo de futsal, pois quem recebe e passa bem tem maiores probabilidades de visionar o jogo, interpretá-lo, deslocar-se, ocupar espaços vazios, etc.

Em relação ao drible, poder-se-á dizer que se torna preponderante nesta fase de jogo, já que se apresenta como uma possível solução de: penetração na defesa adversária, rutura da defesa contrária, criação de superioridade numérica, realização de 3x3 seguida de finalização; enfim todo uma série de fatores que enriquecem quer o aluno, quer o jogo praticado.

No seguimento desta linha de ideias, surge o primeiro princípio do ataque: penetração e conseqüentemente a contenção por parte da defesa.

A penetração permite consciencializar o aluno de que quando um jogador se encontra na posse de bola, deverá ter como primeira preocupação ver se existe possibilidade de finalização ou espaço livre de progressão para a baliza. Para fazer face a este comportamento a defesa deverá reagir, realizando contenção e impedindo, assim, o atacante de se desmarcar em direção à baliza.

Na quarta aula, os elementos anteriormente abordados serão exercitados, além de que serão introduzidos outros conteúdos, tais como, a mobilidade por parte do ataque e o remate. Este último elemento surge na lógica dos elementos abordados anteriormente, já que permite melhorar o jogo em termos de desmarcações, criações de espaços, criações de linhas de passe, cooperação com os colegas. A mobilidade surge no seguimento da introdução do 2x2, de forma a atribuir uma função ao atacante sem bola. Em relação a este princípio, é agora necessário que o atacante sem bola saiba quando, como e porquê se deve movimentar, de forma a melhorar o jogo da sua equipa.

Na quinta e sexta aula, todos os conceitos abordados serão exercitados. Aqui é também introduzido, após o 2x2, o 3x3, através desta forma jogada é possível incutir nos alunos a cobertura ofensiva, defensiva e o equilíbrio por parte da defesa. Em oposição à mobilidade (introduzida na aula anterior), a defesa terá que contrariar os movimentos ofensivos da equipa adversária, sendo assim, torna-se fundamental que se introduza o equilíbrio. Esta ação deverá ser realizada pelo defesa que não está responsável pelo atacante direto, devendo seguir a movimentação do atacante sem bola. Quanto à cobertura ofensiva, é extremamente importante nesta fase, visto que, uma equipa que ataca deve fazê-lo de forma consciente pois, caso haja uma perda de bola é necessário que os jogadores estejam bem posicionados para evitar o contra-ataque. No que diz respeito à cobertura defensiva, é fundamental que exista de forma a evitar a superioridade numérica do ataque.

Na sétima aula, serão exercitados e consolidados todos os conteúdos abordados anteriormente para uma mais efetiva e eficaz aprendizagem das habilidades motoras da técnica individual da modalidade e tática de jogo.

Na oitava e nona aula, introduziu-se o espaço. Este princípio surge no seguimento da introdução do 4x4 com Gr. O ataque tem todo o interesse em tornar o jogo mais aberto, com mais amplitude, em largura e profundidade, em criar linhas de passe de modo a obrigar a defesa a flutuar e ter maior dificuldade na superioridade numérica, assim como consolidar todos os princípios e habilidades motoras da técnica individual de jogo.

O fato de nenhum conteúdo ser totalmente consolidado relaciona-se com o fato de o número de aulas não ser suficiente para colmatar todas as lacunas dos alunos bem como para conseguir que realizem na íntegra os objetivos estabelecidos.

Na última aula realizou-se a avaliação final, a qual irá ser destinada aos elementos que foram inicialmente avaliados, bem como alguns dos que foram introduzidos ao longo das aulas e que pensamos que os alunos terão maior disponibilidade para os alcançar.

Todos estes planos de aulas encontram-se a partir dos anexos X.

16.6 Extensão e Sequência da Matéria

Os conteúdos a lecionar na presente Unidade Didática teve por base todos aqueles que estão determinados como conteúdos programáticos Agrupamento de Escolas de Valpaços para o 9º ano de escolaridade.

Assim, serão os seguintes:

- . Passe;
- . Receção e controlo de bola;
- . Condução de bola;
- . Drible e Finta;
- . Remate;
- . Desmarcação e Marcação;
- . Interceção e Desarme.

Na nossa opinião, estes conteúdos são demasiado básicos e contraditórios, pois segundo o nível proposto pelo agrupamento, para uma turma do nono ano letivo, os alunos já deveriam estar avaliados como estando no nível Avançado.

Mas, no entanto, tal como referimos anteriormente após a avaliação diagnóstica, grande parte dos alunos, ainda se encontram no nível Básico e Elementar.

Deveremos acrescentar que, esta turma tem a especificidade de ser constituídas maioritariamente por elementos do sexo feminino (16 alunas) contra somente 5 alunos (havendo um que nunca faz a aula prática devido a problema de mutismo e recusa-se sempre realizar a aula prática).

Por isso, o principal objetivo a atingir no final da Unidade Didática é a aplicação em jogo dos conhecimentos técnicos, táticos e regulamentares da modalidade em questão, tendo como alvo o seu refinamento.

Tendo em conta que a motivação dos alunos é um aspeto fundamental, consideramos que a realização de situações jogadas, recorrendo também à realização de torneios intraturma, é a forma mais indicada para almejar o sucesso.

Ao longo das aulas tivemos sempre a intenção de criar situações para que os alunos possam melhorar os aspetos táticos individuais e coletivos, de modo a resolverem da melhor forma possível as situações que o jogo proporciona. Essa melhoria deverá ser sempre acompanhada por um aumento da capacidade de dar respostas adequadas no contexto do jogo, isto é, da melhoria ao nível técnico.

Por isso, o jogo é utilizado como meio fundamental para a aprendizagem dos procedimentos específicos do futsal, pois as situações criadas durante o jogo geram a necessidade de aquisição de novos conhecimentos, conhecimentos estes que permitirão seguramente uma evolução mais rápida e eficaz da qualidade de jogo.

16.7 Definição de Objetivos

O Futsal como jogo coletivo que é, tem por objetivo desenvolver nos alunos: aspetos energético-funcionais, habilidades motoras, relações grupais e processos cognitivos.

Assim, devido à riqueza de situações que proporcionam, os jogos desportivos coletivos constituem um meio formativo por excelência, na medida em que a sua prática, quando devidamente orientada, induz “a capacidade de decisão que decorre de uma ajustada leitura do jogo, associada ao domínio qualitativo dos gestos técnicos e das suas variantes, constituem elementos fulcrais da formação do jogador (Mesquita,1997:16).”

Para além do atrás referido, permite ainda a satisfação das necessidades lúdicas.

Objetivos Programáticos

O aluno:

1 - Cooperar com os companheiros, quer nos exercícios, quer no jogo, escolhendo as ações favoráveis ao êxito pessoal e do grupo, admitindo as indicações que lhe dirigem, e aceitando as opções e falhas dos seus colegas e dando sugestões que permitam a sua melhoria.

2 - Aceita as decisões da arbitragem, identificando os respectivos sinais e trata com igual cordialidade e respeito os companheiros e os adversários, evitando ações que ponham em risco a sua integridade física, mesmo que isso implique desvantagem no jogo.

3 - Adequa a sua atuação quer como jogador, quer como árbitro, ao objetivo do jogo, à função e ao modo de execução das principais ações técnico-táticas e às regras do jogo.

4 - Em situação de jogo 3x3 ou 4x4:

4.1 - Logo que recupera a posse da bola, reage de imediato, colaborando na organização das ações ofensivas. Enquadra-se ofensivamente, controlando a bola, e realiza a ação mais adequada, com oportunidade, de acordo com a sua leitura do jogo:

4.1.1 - Penetra, protegendo a bola, fintando ou driblando para finalizar ou fixar a ação do adversário direto e/ou outros defensores.

4.1.2 - Remata, se conseguir posição vantajosa.

4.1.3 - Passa a um companheiro em desmarcação para a baliza ou em apoio, utilizando, conforme situação, passes rasteiros ou passes por alto.

4.1.4 - Após passe a um companheiro próximo, desmarca-se ("sai") no mesmo corredor ou em diagonal para outro corredor (sentido contrário ao passe), de acordo com a posição do companheiro e adversários, criando nova linha de passe mais ofensiva.

4.1.5 - Devolve a bola, colocando-a à frente do recetor (de forma a permitir a continuidade da ação ofensiva), se a recebeu de um companheiro próximo que, entretanto, abriu linha de passe.

4.2 - Desmarca-se, para oferecer linha de passe para penetração ou remate ou linha de passe de apoio (de acordo com a movimentação geral), procurando criar situações de superioridade numérica favoráveis à continuação das ações ofensivas da sua equipa, garantindo a largura e a profundidade do ataque.

4.3 - Logo que a sua equipa perde a posse da bola, reage de imediato procurando impedir a construção das ações ofensivas, realizando com oportunidade e de acordo com a situação, as seguintes ações:

4.3.1 – Pressiona o jogador em posse da bola, reduzindo o seu espaço ofensivo.

4.3.2 - Colabora com um companheiro criando situações de superioridade numérica defensiva sobre o portador da bola.

4.3.3 - Fecha as linhas de passe mais ofensivas impedindo a receção da bola.

4.3.4 - Realiza as dobras quando os companheiros são ultrapassados por atacantes em penetração.

4.3.5 - Ajusta a sua posição defensiva, ocupando a posição do companheiro que realizou a ação anterior (compensação).

4.4 - Como guarda-redes, enquadra-se com a bola para impedir o golo. Ao recuperar a bola, passa a um jogador desmarcado.

5 - Realiza com correção e oportunidade, no jogo e em exercícios critério, os padrões técnicos das ações: a) receção e controlo da bola, b) remate, c) remate de cabeça, d) condução da bola, e) drible, f) passe, g) finta, h) desmarcação, i) marcação, j) pressão, l) interceção e m) desarme.

Assim, construímos a Unidade Didática de acordo com uma abordagem dos conteúdos da base para o topo, e isto porque um dos maiores problemas dos alunos incidiram sobre a aglomeração em torno da bola, aglutinação e egocentrismo.

16.8 Configuração da Avaliação

A respeito da avaliação, devido ao reduzido número de aulas (somente 10), para que possamos avaliar de forma coerente, contínua e identificar os possíveis progressos/retrocessos no processo de ensino, definimos somente dois momentos de avaliação, que se seguem por ordem cronológica: avaliação inicial e avaliação sumativa.

A avaliação diagnóstica destinou-se a recolher informação sobre o nível dos alunos da turma, para que a partir da análise pudéssemos elaborar o planeamento de todo o processo de ensino-aprendizagem.

Nesta avaliação confrontámos os alunos com o jogo 3x3 em campo reduzido no sentido de encontrarmos indicadores que nos permitissem dividir os alunos de acordo com os seus níveis de prestação.

Neste jogo foram observados:

AÇÃO OFENSIVA:

- Depois de passar a bola ao colega, desmarca-se para receber (Passe e Vai);
- Sem a posse de bola, cria linhas de passe de apoio ou de rutura;
- O portador da bola joga de cabeça levantada para “ler” o jogo;

- “Ataca” o adversário, de modo a criar superioridade numérica e/ou finalizar.

AÇÃO DEFENSIVA:

- Adota uma posição defensiva básica;
- Orienta os apoios e enquadra-se defensivamente;
- Pressiona o portador da bola;
- Envia o ataque para a periferia ou para espaços mais recuados.

Na última aula da Unidade Didática realizamos a avaliação sumativa, que tem por finalidade avaliar a evolução dos alunos após todo o processo de ensino-aprendizagem.

Foi nossa intenção nesta avaliação utilizarmos a mesma estrutura (situação de 3x3 em campo reduzido), para que assim possamos avaliar o nível técnico-tático dos alunos em situação de jogo, comparando-o com o seu nível inicial.

Todos os conteúdos alvo de avaliação neste momento, que não estiveram sob avaliação aquando da avaliação inicial, inserem-se numa perspetiva de evolução do processo de ensino-aprendizagem a que os alunos irão estar sujeitos, de modo a aferir as suas aquisições.

16.9 Progressões de Ensino

Para o ensino do futsal concordamos com a conceção que defende a decomposição do jogo em unidades, o mesmo é dizer, no jogo reduzido.

Tendo em conta as dimensões dos campos de futsal existente na escola, utilizamos o jogo reduzido Gr+3x3Gr, bem como outras formas jogadas que se inserem no quadro dos jogos reduzidos.

De referir que, de uma forma ou não, condicionada pelas dimensões, o certo é que vêm de encontro às capacidades dos alunos para jogar este tipo de jogo reduzido, ou seja, se fosse num campo de futsal GR+4X4+GR, as dificuldades seriam muito mais acrescidas.

Assim, e seguindo a perspetiva de Garganta (1998:8), “o jogo deverá estar presente em todas as fases de ensino/aprendizagem, pelo fato de ser, simultaneamente, o maior fator de motivação e o melhor indicador da evolução e das limitações que os praticantes vão revelando.”

Segundo o mesmo autor, “o ensino dos jogos desportivos coletivos não deve sob pretexto algum circunscrever-se à transmissão de um repertório mais ou menos alargado de habilidades técnicas, nem à solicitação de capacidades condicionais e coordenativo-condicionais. Interessa sobretudo desenvolver nos praticantes uma disponibilidade motora e mental que transcenda largamente a simples automatização de gestos e se centre na assimilação de regras de ação e princípios de gestão do espaço de jogo, assim como de formas de comunicação e contra comunicação entre jogadores.”

Neste contexto, assume-se assim como importante termos como referência uma conceção que articule aspetos fundamentais como seja o domínio de bola, a oposição, a finalização, a atividade lúdica e os saberes sobre o jogo.

E, só esse mesmo jogo poderá proporcionar de forma específica este conjunto de experiências.

Deste modo, as razões que se prendem com este tipo de abordagem propostas, assentam na busca de um processo de ensino/aprendizagem com mais qualidade, bem como não poderia deixar de ser, num melhor enquadramento com os espaços disponíveis para a prática.

Para além da utilização do jogo reduzido, podemos também utilizar por vezes alguns exercícios de refinamento técnico (exercícios analíticos), nunca perdendo de vista o objetivo que nos norteia, o jogo.

Apesar de lecionarmos os mesmos conteúdos a toda a turma, vamos introduzir determinadas variáveis no sentido de adequar a atividade ao nível de prestação do aluno.

Para a abordagem do Futsal, nesta turma, utilizamos fundamentalmente dois grandes tipos de situações:

- Exercícios de aquisição de procedimentos técnicos, táticos ou em simultâneo e que visam a aquisição de determinados procedimentos específicos em situação controlada;
- Jogos reduzidos, que visam a aplicação dos procedimentos acima referidos, bem como a aquisição e consolidação de outros.

17. Estratégias de ensino do docente na aula de educação física

Relativamente à nossa prestação, ou seja, para melhorar o nosso ensino foram utilizadas as sete estratégias sugeridas por Metzler (1990, *apud* Graça 1998):

1. *Chalk-talk*: representação gráfica da colocação ou movimentação dos jogadores e da bola;
2. *Walk-through*; realização de um movimento lento, ou a passo, do desenvolvimento de uma movimentação atacante ou defensiva;
3. *Situations*; equacionar com os alunos as possibilidades de resolver uma dada situação, avaliar as melhores possibilidades;
4. *Instant-Replay*: para o jogo, retomar uma situação, confrontar a respostas dos alunos com a resposta mais adequada para essa situação;
5. *Player-coach*; participar no jogo para regular a movimentação e facilitar a interpretação das situações de jogo por parte dos alunos;
6. *TV analyst*; analisar e resumir a forma como os alunos estão a jogar, evidenciar as falhas e os avanços mais importantes e as causas dos sucessos e insucesso;
7. *You make the call*; interpelar um aluno acerca do motivo de uma interrupção do jogo, que regra foi violada? Que erro foi cometido?

Estas estratégias configuram possibilidades de intervenção, que obviamente serão ditadas pelo princípios da oportunidade, atendendo às questões do *timing*, da relevância, assim como às característica e conhecimento dos alunos.

Ainda foram utilizados as novas tecnologias ao serviço do ensino tal como o Tablet e uma aplicação específica, a Sport Board, onde de forma simplificada os alunos puderam observar e visualizar as ações, os deslocamentos e a ocupação dos espaços em campo pelos diferentes corredores (ou zonas) em função da bola consoante o ataque ou defesa da sua equipa.

Pensamos que esta ferramenta na aula serviu também como papel motivador e facilitador através do impacto global das ações a realizar por parte de cada jogador individual em função do objetivo coletivo a alcançar.

Outra das nossas preocupações iniciais nesta unidade didática foi o fato do grande número de alunas (16) em relação aos alunos (5) que realizam a aula.

Por isso, tivemos necessidade de evidenciar e procurar uma estratégia nas aulas para ministrar a modalidade de futsal, pois no subconsciente das alunas, estava o facto de ser uma modalidade só para os “rapazes”.

A grande estratégia foi suportar-nos das referências bibliográficas do fator motivação nas aulas de educação física onde referem que as alunas se motivam com foco na Tarefa e os alunos no Ego.

Depois de conseguirmos através destes focos por sexo, as aulas de uma forma geral correram de forma bastante satisfatória e as alunas começaram a registar sucesso nas tarefas propostas e nos objetivos das aulas.

Além disto, a utilização de sempre constantes e frequentes feedbacks pedagógicos a evolução foi mais evidente nas suas variantes técnica e táticas.

Suportamo-nos dos feedbacks pedagógicos intrínsecos e extrínsecos para ministrarmos e promoção da evolução dos nossos discentes na aula.

Por feedbacks pedagógicos intrínsecos, a informações fornecidas tendo como finalidade a realização de uma especifica ação, onde todos os aspetos da realização do movimento intrínsecos para a realização da tarefa podem ser entendidas através dos órgãos sensoriais e proprioceptivos do aluno.

Sempre com o intuito de melhorarmos o desempenho dos alunos, depois da observação dos erros, quer técnicos quer táticos, recorremos à emissão de feedback sabendo que para este deve ser eficaz deverá:

“- ser oportuno e atempado para que o atleta tenha a possibilidade de corrigir de imediato o erro cometido;

- ser prescritivo em vez de descritivo, de forma a que o atleta se concentre no modo como deve efetuar o movimento e não no reforço negativo acerca da forma errada da execução. (Acrescentamos por exemplo “ No passe, face interna do pé a bater a bola” em vez de “no passe, não bater com parte da frente do pé.”)

- ser preferencialmente áudio-visual, na medida em que facilita a compreensão e a retenção recebida pelo atleta” (Mesquita, 1997:64-65)

Neste sentido também por vezes servimos de exemplo na demonstração e explicamos sucintamente como realizar a ação para a obtenção do sucesso na exercitação.

18. Conclusão da Unidade Didática de Futsal

Com este trabalho tivemos como objetivo saber se, a prática na unidade didática de futsal, influenciou os alunos ao nível da aquisição de algumas habilidades técnicas e motoras, sendo estes mesmos alunos sem experiência como praticantes de futsal e principalmente numa turma essencialmente de alunas.

A aplicação desta unidade didática em alunos evidenciou que a prática motivadora e empenhada das alunas sem experiência prévia na modalidade de futsal conduziu a efeitos claramente positivos no desempenho motor e de conhecimento da modalidade.

Neste sentido, mesmo após este reduzido número de aulas, em comparação com a avaliação diagnóstica notou-se uma grande e significativa evolução nos meus discentes pois de 8 alunos no nível Básico passei a ter somente 5, de 10 no nível Elementar passei a ter 11, no nível Intermédio de 3 passei a ter um e uma grande evolução final, no nível Especialização, passei de zero a 4 alunos (sendo um destes uma aluna, a Rapariga 8).

Tabela 3: Totalidade dos alunos por níveis de desempenho no fim da U.D

Níveis	Nº de alunos
1-2	5
2.1-3	11
3.1-4	1
4.1-5	4

Tabela 4: Alunos por níveis de desempenho fim da U.D.

NÍVEL BÁSICO	Nº	NÍVEL ELEMENTAR	Nº	NÍVEL INTERMÉDIO	Nº	NÍVEL ESPECIALIZAÇÃO	Nº
Rapariga 1	1	Rapariga 4	5	Rapariga 12	17	Rapaz 1	2
Rapariga 2	3	Rapariga 5	6			Rapaz 4	11
Rapariga 3	4	Rapaz 2	7			Rapariga 8	12
Rapariga 7	9	Rapariga 6	8			Rapaz 5	14
Rapariga 11	16	Rapaz 3	10				
		Rapariga 9	13				
		Rapariga 10	15				
		Rapariga 13	18				

		Rapariga 14	19				
		Rapariga 15	20				
		Rapariga 16	22				

Tínhamos referido anteriormente que mesmo sendo uma turma de 16 raparigas são muito motivadas para a exercitação, com bom empenho e desempenho nas aulas, o que se evidência na sua rápida e eficaz evolução nas tarefas propostas de aprendizagem.

O rapazes, os três elementos que atingiram o nível de especialização, ajudaram ainda a servir de modelos de exercitação assim como foram influentes nos comportamentos táticos a corrigir na ocupação racional dos espaços em campo.

Foram uns alunos bastante empenhados, motivados, concentrados, com grande espírito de companheirismo e entreaajuda o que elevou bastante os seus níveis no futsal.

19. Relatório sobre a Atividade Profissional

19.1 Enquadramento da Prática da Atividade

A escola encontra-se sempre em constante mudança e com ela, altera-se o enquadramento da prática letiva de como somos professor de educação física.

Ao ver-mos confrontados com uma certa heterogeneidade de alunos na sala de aula tentamos ser vistos mais como um orientador, um educador ou, mesmo, um formador.

No processo de ensino e aprendizagem, nos dias de hoje, ao professor, exige-se uma panóplia de outras funções.

Na verdade, a ligação do professor aos alunos extravasa, cada vez mais, o espaço da sala de aula alargando-se a uma mais ampla intervenção junto da comunidade, educativa e não só.

Nas escolas por onde passamos, além de ser professor tivemos que estar incluídos em diversas outras funções, desde a planificação anual, por ciclo, por ano de escolaridade, entre outro tipo de planificações e às matérias a lecionar.

Em algumas escolas também exercemos a função de diretor de turma, todas participamos na dinamização de atividades, noutras asseguramos a vigilância de exames e de outro tipo de provas, bem como procedemos à sua correção (nomeadamente elaboração de matrizes de exames e sua posterior correção na disciplina), e ainda asseguramos em uma escola (Secundaria de Santarem) as matrículas, a conseqüente formação de turmas e ainda por fim, na mesma escola, integramos o grupo de realização de horários.

Demonstramos assim, sucintamente, que nesta panóplia de funções em que já estivemos integrados demonstramos algumas pertinentes experiências no exercício de diversos cargos dentro da escola.

Desde que professor contratado, desde 1991, temos trabalhado com grande empenho e motivação na nossa profissão e julgamos que com sucesso favorecendo a aprendizagem de muitos dos nossos discentes ao longo destes anos.

19.2 O professor contratado antes e depois da profissionalização

Inicialmente, como Professor de Educação Física, no ensino oficial público, antes da profissionalização no ensino básico e secundário, nas seguintes escolas:

- Escola Secundária Henrique Medina, Esposende (91/92 e 92/93);
- Escola Secundária de Barcelos (somente 2 meses, 92/93);
- Escola C+S de Forjães, Esposende, 93/94
- Escola C+S de Apúlia, Esposende, 94/95
- Escola EB 2,3 de Palmeira, Braga, 95/96
- Escola Secundária de Barcelinhos, 96/97;
- Escola EB 2,3 de Darque, Viana do Castelo (97/98 e 98/99)
- Escola Secundária de Monserrate (estágio pedagógico) 2003/04

Depois como professor profissionalizado (a partir de setembro de 2005, pela faculdade de ciências do desporto e educação física, na universidade do porto) nas seguintes escolas:

- Professor e Coordenador de Educação Física na Empresa Municipal de Desporto de Barcelos nas Atividades de Enriquecimento Curricular em Educação Física do Agrupamento de escolas de Vale de Tamel desde 2006 a 2009;
- Escola Secundária Henrique Medina, Esposende (2008/09);
- Agrupamento de escolas Antonio Sena Faria Vasconcelos, Castelo Branco, 2009/10,
- Escola Secundária de Sá da Bandeira, Santarém, 2010/11 e 2011/2012
- Agrupamento de escolas de Cascais, 2013/14 , somente 5 meses;
- Agrupamento de escolas de Fazendas de Almeirim, 2013/14;
- Agrupamento de escolas Nuno Alvares, Castelo Branco, 2014/2015, somente 5 meses
- Agrupamento de escolas Ferreira de Castro, Mem Martins, Sintra, 2014/15 somente 1 mês;
- Escola Secundaria Dr. Augusto Cesar, Rio Maior 2015/2016 somente um mês;
- Agrupamento de escolas de Valpaços, desde novembro de 2015 a agosto de 2016;
- Escola Secundaria de Sines desde 27 de setembro de 2016 até 31 de agosto de 2017;

- Escola Secundária/3º CEB Poeta Al Berto em Sines, desde o dia 27 de setembro de 2016 até 31 de agosto de 2017.

19.3 A avaliação do desempenho docente

Neste aspeto, deveremos referir que como professor contratado sempre fomos avaliado nas nossas funções desde 2008, aquando do início novo processo e tipo de avaliação do desempenho dos docentes.

Assim, sempre cumprimos na íntegra todo este processo de avaliação do nosso desempenho como docente e obtivemos a classificação de Muito Bom, na Escola Secundária de Esposende, no ano letivo de 2008/2009.

Com as sucessivas alterações introduzidas nesta avaliação do desempenho do docente, obtivemos sempre a menção de Bom.

19.4 Realização da prática profissional

Sempre mantivemos, ao longo destes anos letivos excelentes níveis de assiduidade (entre 98 e 100 %), mesmo estando a lecionarmos nestes últimos seis anos letivos, por diferentes escolas e zonas do país, e também temos sempre assegurado o cumprimento do serviço que nos foi atribuído.

Somos sempre pontual e cumprimos todos os prazos impostos pelas escolas, assim como participamos em todas as reuniões gerais, nos conselhos de turma, nos conselhos de departamento de expressões e do grupo educação física.

Assim sendo, consideramos que temos cumprido todos os nossos deveres profissionais e realizamos todas as tarefas que nos foram até agora atribuídas.

19.5 Atividades letivas e atividades não letivas

Neste ponto, referimos com convicção que consideramos o nosso empenhamento, nas diversas atividades das escolas, tem sido inequívoco, trabalhando, sempre, em equipa

com os professores do grupo disciplinar e, também, com professores de outras áreas disciplinares (quando solicitado nas diferentes escolas) na organização de atividades variadas ou, ainda, na permuta e na substituição de outros professores (nas escolas onde existam aulas de substituição propriamente ditas).

19.5.1 Atividades letivas

A planificação do processo de ensino e aprendizagem tem sido sempre realizado por nós seguindo as indicações dos programas curriculares, do departamento e do nosso grupo disciplinar.

Assim, nossos planos de aula foram planeados, operacionalizados e refletidos procurando ser ajustados à planificação à planificação anual realizada no âmbito do conselho de departamento e do grupo disciplinar.

Além disto, também exercemos durante estes anos cargos de professor/treinador no Desporto Escolar, por exemplo, nas modalidades de futsal feminino (na escola de Fazendas de Almeirim), de badminton na escola Sá da Bandeira em Santarém e de António Sena de Faria de Vasconcelos em Castelo Branco e de ginástica artística na Escola de Nuno Alvares também em Castelo Branco).

No Agrupamento de escolas de Valpaços exercemos o cargo de Diretor de Instalações do pavilhão gimnodesportivo da escola EB 2,3 de Júlio Carvalhal assim como na escola secundaria de Sines onde exercemos atualmente.

19.5.2 Atividades não letivas

Durante estes anos letivos sempre nos empenhamo-nos e interessamo-nos pela multidisciplinaridade dentro da escola e procuramos sempre participar ativamente no desenvolvimento dos projetos das escolas, pois entendemos que a cultura e a ligação estreita à comunidade em geral são fundamentais para o nosso sucesso enquanto professores e formadores.

Exercemos ainda o cargo de Diretor de Turma, por exemplo, na Antonio Sena de Faria de Vasconcelos em Castelo Branco (da turma do 7º ano letivo), na Escola Secundaria

Sá da Bandeira em Santarém (da turma do 10º ano letivo) onde tivemos de lidar com o novo estatuto do aluno que saiu no Diário da Republica, 1ª serie, número 171 de 2 de setembro de 2010 desde as paginas 3869 a 3879 e na Escola de Mem Martins (da turma do 9º ano letivo).

19.5.3 Formação contínua

Ao longo dos anos desenvolvemos estratégias de aquisição e sempre procuramos a atualização do conhecimento profissional (científico, pedagógico e didático), seja através da frequência de ações de formação contínua e creditadas, seja através da frequência de diferentes tipos de ações de mais curta duração para valorizar e enriquecer profissionalmente.

Desta nossa postura de procura e desafios, sempre presente, resultaram benefícios evidentes em conhecimento pessoal e profissional que mobilizamos para a melhoria das nossas práticas e benefício dos nossos discentes.

Assim, enumeramos as dispareas ações de formação que frequentamos (ver anexos):

- Ação de formação de professores de educação física, Pressupostos Metodológicos na Aprendizagem do Jogo de Futsal – Atualização, pelo Centro de Formação da Associação de Escolas de Rómulo de Carvalho, Mafra, em julho de 2015 (anexo I);
- Ação de formação de professores de educação física, pela associação de professores de educação física de Snowboard – nível 1, na serra da estrela, entre 6 e 7 de fevereiro e 28 de fevereiro e 1 de março de 2015 (anexo II);
- Ação de Formação Contínua, “OS SISTEMAS LMS E O TRABALHO COLABORATIVO DOS DOCENTES” em 2011 (anexo III);
- Seminário “Para uma Comunicação Eficaz no Contexto Profissional” fomentada pelo Centre de Développement de Ressources Humaines em Lisboa, na escola Superior de Enfermagem, em Outubro de 2011(anexo IV);
- Seminário “Estratégias de Coaching para suscitar a Motivação” fomentada pelo Centre de Développement de Ressources Humaines em Lisboa, em Julho, 2011 (anexo V);

- Ação de formação de didática do ensino do atletismo na escola, no centro de formação de professores em Barcelos, setembro 2009 (anexo VI);
- 1º Congresso Internacional de Futebol – “Pensar a mudança”, nos dias 26 e 27 de Março de 2001, na Fundação Cupertino de Miranda, organização do F.C. Famalicão, em Famalicão (anexo VII);
- Simpósio Internacional de Futebol: “Especialização Alto Rendimento”, nos dias 29 e 30 de Novembro de 2001, na FCDEF-UP (anexo VIII);
- 6º Congresso Nacional de Educação Física – Desafios Profissionais, 27, 28 e 29 de Novembro de 2003, em Lisboa (anexo IX);
- Estágio mensal, de Análise e Observação da Metodologia de Treino, em futebol de formação e pré – alta competição, no Futebol Clube do Porto – equipa B, sénior, em 2004, onde realizei a tese monográfica “Sistematização e Operacionalização da Posse de Bola no Modelo de Jogo” e que pode ser consultada no link:

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14698/2/6742.pdf>

20. Relação pedagógica com os alunos

A relação pedagógica que estabelecemos ao longo dos anos com os alunos foi excelente e sempre procuramos chamar os nossos alunos pelo seu nome e mantemos uma excelente relação de afetividade e compreensão com eles dentro e fora da sala de aula, por vezes, ainda fora da escola.

Por vezes, quando fora da escola os nossos alunos referem que têm atividades desportivas, mesmo ao fim de semana (pois ficamos hospedado longe de casa e por vezes não nos deslocamos à residência em Esposende, distrito de Braga), procuramos observá-los nas suas diferentes modalidades (desde motocross, a canoagem, a desportos de combate, etc.) para demonstrar algum apoio afetivo e proximidade com a comunidade em geral.

Procuo passar para os nossos alunos a valorização das suas qualidades e capacidades humanas, nomeadamente a sinceridade, a interajuda, a compreensão, a tolerância e a amizade, visando a boa base da sua formação e do seu desenvolvimento pessoal.

Esforçamo-nos por criar na aula um bom clima de aprendizagem com um ambiente caloroso e de incentivo, o que atua como agente facilitador da aprendizagem dos nossos alunos pois assim, entram motivados para as aulas.

Na instrução da aula procuramos sempre apoiar a prática dos nossos alunos com a utilização do feedback pedagógico para reforçar sempre a eficácia do desempenho motor incentivando-os quase que permanentemente e constantemente durante as aulas visando o sucesso dos mesmos na obtenção dos objetivos na aula.

Neste sentido, nos momentos de avaliação didática das diferentes modalidades realizamos sempre a avaliação diagnóstica, formativa e sumativa com todos os nossos alunos, e por fim fomentamos a auto e a hétéro avaliação perante os seus pares.

Por fim, cumprimos sempre os requisitos da avaliação assim como no respeito pelos critérios de avaliação das escolas por onde lecionamos.

21. Outras funções profissionais

Ao longo dos anos (desde 1991) que fomos exercendo mais funções profissionais consoante as oportunidades de ofertas de trabalho.

Assim, vamos explana-las de forma sucinta para ser mais facilmente aprendido.

Em 1994, iniciamos funções Diretor da Organização na colaboração com a Camara Municipal de Esposende e o vereador do desporto da altura Dr. Lima, na realização dos primeiros jogos desportivos nas 4 praias do concelho, em que consistia a realização de voleibol de praia (4x4 masculino e feminino) e futevolei (2x2).

Após uma primeira fase nas 4 praias realizáramos as finais as finais na praia de Esposende (Praia de Suave Mar sul) onde obtivemos um bom sucesso na realização deste evento.

Em 1995/1996, a convite do treinador do Gandra Futebol Clube, iniciamos as funções de Preparador Físico da equipa sénior estando este clube na Divisão de Honra da Associação de Futebol de Braga, onde obtivemos uma meia final da taça distrital e em 5º lugar no campeonato.

Em 1996/1997, a convite do treinador do Apúlia Futebol Clube, iniciamos as funções de Preparador Físico da equipa sénior estando este clube na Divisão de Honra da Associação de Futebol de Braga, onde obtivemos 8º lugar no campeonato.

Entre 1999 a 2000 e desde 2001 a 2008 iniciamos as funções de Professor de Natação na empresa municipal de Esposende – Esposende 2000 em diferentes idades desde os 8 anos até aos adultos.

Entre 2005 a 2008 iniciamos as funções de professor na atividade de Férias de Verão na supra citada empresa durante o mês de Julho, onde fomos responsáveis por um grupo de 20 alunos com mais de 14 anos até 17. Entre 2005 a 2008 iniciamos também as funções de professor na atividade de Férias de Verão na supra citada empresa durante o mês de Julho, onde fomos responsáveis por um grupo de 20 alunos com mais de 14 anos até 17.

Em 2001 até 2006 iniciamos as funções de professor/treinador de futebol no Varzim Sport Clube, nos escalões de Escolas (atletas entre 6 e 8 anos) com uma equipa e duas equipas de Infantis A e B (atletas com idades entre 8 a 11 anos) onde exercemos como Treinador Principal da equipa Infantis B durante um ano (2001/2002).



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

Neste clube, planeávamos, operacionalizávamos e registávamos todos os treinos da semana (que eram de segunda a sexta feira, de manhã e de tarde pois os atletas vinham aos treinos em diferentes dias podendo alternar conforme as suas atividades letivas na escola) sempre de acordo com o modelo de jogo do clube e em perfeita sintonia com as ideias de treino do treinador principal António Caxeira. Durante estes anos sempre obtivemos excelentes resultados onde ocupávamos sempre os primeiros quatro lugares da classificação final do campeonato. Houve uma exceção no ano 2002 pois ficamos em terceiro lugar somente suplantados pelo FC Porto e Boavista FC.



Figura 5



Figura 6

Neste clube participamos no VI Torneio futebol Infantil , em Ermesinde, nos dias 25 e 26 de Março de 2005 onde chegamos à final neste torneio e ganhamos ao FC Porto, no XVI torneio internacional de Vila Real nos dias 26, 27 e 28 de fevereiro de 2006, no IV torneio internacional de Futebol 7 em Nigran, concelho de Vigo, Espanha em 12 e 13 de abril de 2006 e posteriormente no I torneio internacional de Saumur, em Bordeús, França nos dias 3 e 4 de Junho de 2006.



Figura 7



Figura 8



Figura 9

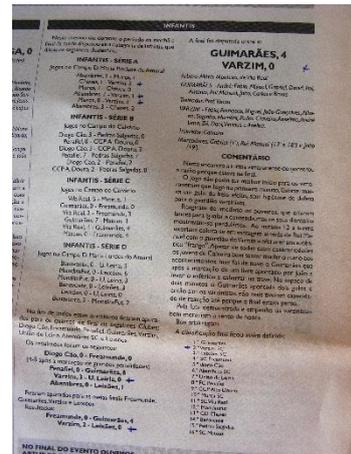


Figura 10



Figura 11

IV ASR'cup Torneo Internacional Fútbol Alevín
FASE FINAL 12 e 13 de abril
TROFEO CONCELLO DE NIGRÁN

GRUPO A		GRUPO B	
R.C. Deportivo	Borrieta F.C.	R.C. Peña	F.C. Porto
C.D. Lugo	S.C. de Braga	Racing de Ferrol	Vitoria Guzmán
A.R.D. URECA	Varzim S.C.	Pabellón Orense	Campion Fase Previa

Xoves, 13 de abril
FASE CLASIFICATORIA

CAMPO 1			CAMPO 2		
HORA	PARTIDO	RESULTADO	PARTIDO	RESULTADO	RESULTADO
10:00	S.C. de Braga - F.C. Deportivo	-	Vitoria Guzmán - E.C. Leob.	-	-
10:30	Borrieta F.C. - S.C. de Braga	1-2	R.C. Peña - Vitoria Guzmán	-	-
11:00	C.D. Lugo - Varzim S.C.	-	Pabellón Orense - Campión Fase Previa	-	-
11:30	A.R.D. URECA - Borrieta F.C.	-	S. de Ferrol - R.C. Peña	-	-
12:00	R.C. Deportivo - C.D. Lugo	-	B. G. Peña - Pabellón Orense	-	-
12:30	Varzim S.C. - A.R.D. URECA	-	Lugo - R. de Ferrol	-	-

FASE ELIMINATORIA

CAMPO 1			CAMPO 2		
HORA	PARTIDO	COEF. RESULTADO	PARTIDO	COEF. RESULTADO	RESULTADO
16:00	Grupo A - 2º Grupo B	1/2	Grupo B - 1º Grupo A	1/2	1/2
16:40	1º Grupo B - 2º Grupo A	2/4	2º Grupo B - 1º Grupo A	2/4	2/4
17:00	2º Grupo B - 1º Grupo A	1/2	1º Grupo B - 2º Grupo A	1/2	1/2
18:16	1º Grupo A - 2º Grupo B	1/2	2º Grupo A - 1º Grupo B	1/2	1/2
18:40	2º Grupo A - 1º Grupo B	1/2	1º Grupo A - 2º Grupo B	1/2	1/2
18:50	Grupo A - Grupo B	1/2	Grupo B - Grupo A	1/2	1/2
19:30	Comisión de Entrega de Trofeo	-	-	-	-

Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18

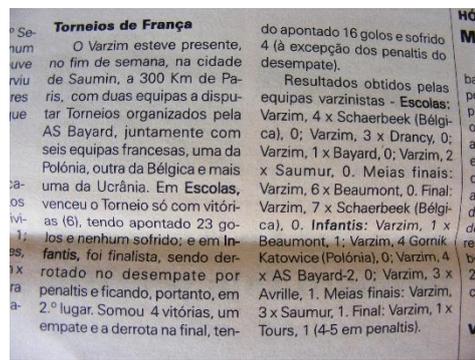


Figura 19

Em 2006, a convite da associação de pais do Agrupamento de Escolas Gonçalo Pereira em Barcelos, realizamos as funções de professor de educação física aos alunos do ensino básico no pavilhão municipal daquela cidade.



Figura 20

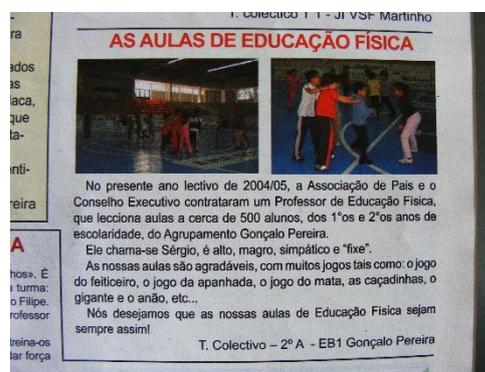


Figura 21

Entre 2006 a 2009 fomos Coordenador e Professor de Atividades Extracurriculares no ensino básico na cidade de Barcelos no agrupamento de escolas de Vale de Tamel que posteriormente foram integradas no agrupamento de escolas de Grijó, Barcelos, como demonstram, por exemplo, as figuras abaixo expostas.

EMPRESA MUNICIPAL DE DESPORTO DE BARCELOS
ACTIVIDADE FÍSICA E DESPORTIVA
HORÁRIO DO PROFESSOR

Nome: Sérgio Manuel Torres Lopes
Ano Letivo: 2007/2008
Localidade: Vale Tamel
Cargo: EB1 Casapicos, Tamel S, Louçada EB1 Barcelos, EB1 Barro 1º Meio - Coordenador

pos	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
09.45	EB1 Barro 1º Meio 2A	Coordenação					
10.45	EB1 Barro 1º Meio 2B			EB1 Barro 1º Meio 2B			
11.45							
12.00		EB1 Barcelos 1					EB1 Barcelos 1
14.15							
15.00							
15.45							
16.15							
16.30	EB1 Casapicos 9	EB1 Tamel S. Louçada 1	EB1 Casapicos 9	EB1 Barcelos 1		EB1 Tamel S. Louçada 2	
16.35							
16.45							
17.20	EB1 Tamel S. Louçada 2	EB1 Tamel S. Louçada 1	EB1 Tamel S. Louçada 2	EB1 Casapicos 9		EB1 Tamel S. Louçada 1	

Totais: 18 atividades, 5 horas de coordenação, 7 horas de ensino, 0 horas de outras, 1 hora de férias. Nota de atividade: 24.09.2007

Presidente do Conselho de Administração

Figura 22

Empresa Municipal de Desportos de Barcelos, E. M.
LISTA DE COORDENADORES DE AGRUPAMENTO CONTACTOS

Agrupamento	Professor	Telemóvel	E-mail
Bel Varzim (Vila Seca)	Miguel Adolfo	985 112 738	mnovais@sapo.pt
Alagoa Cesteira	Pedro Rocha	985 498 842	pedrodrocha@hotmail.com
Alvado Sul	Sónia Raquel	914 736 841 937 726 080	soniacr@portugalmail.pt raquel_goncalves@esapo.pt
Fragoso	Sérgio Oliveira	916 384 793	sq_oliveira@yahoo.com
Capão Nunes	Luis Gomes	985 541 085	lgomes@portugalmail.pt
Mamondeiros	Samuel Falcão	916 290 140	samuelfalcao@portugalmail.pt
Vale D'Este (Valebóios)	Ricardo Sá	986 011 596	ricardosa80@hotmail.com
Vale Tamel (Lijó)	Sérgio Lopes	912 121 925	sergio.torres.lopes@hotmail.com
Vila Cova	Bruno Lopes	985 659 885	brunolopes54@hotmail.com

Telefone: 253 626 332

Figura 23

Em 2009 a 2010 fomos Professor de Natação nas piscinas do Colégio dos Padres Redentoristas em Castelo Branco a alunos desde as idades de bebés a 16 anos e ainda colaborador da equipa de competição desse colégio durante o mês de janeiro a Julho.

Em 2010 a 2012 fomos Professor de Natação nas piscinas municipais de Santarém também entre as idades de bebés a 16 anos.

No presente ano, de 2016, exercemos as funções de treinador/professor na escola de futebol As Luvas Pretas, em Santiago do Cacém, do antigo jogador de futebol do SL Benfica, João Alves, que jogava de luvas pretas, no escalão de Infantis.

22. Conclusão e perspectivas para o futuro

Esta nossa dissertação tem duas partes bem diferenciadas visando não só um mero relatório detalhado da atividade profissional desde 1991 mas também uma outra parte de um estudo/reflexão de caso de uma unidade didática de ensino do futsal a uma turma do 9º ano do Agrupamento de Escolas de Valpaços no ano letivo de 2015/2016.

Realizamos o relatório, de uma forma muito sucinta realçando os aspetos mais pertinentes da nossa função de docente e da nossa atuação no “teatro” da escola ao longo destes anos (25 anos mais precisamente, mas perfazendo 13 anos efetivos de ensino para efeitos de concurso nacional) antes e depois da profissionalização (com conclusão do curso de desporto e de educação física, pela FCDEF-UP no ano de 2005).

Por outro lado, visamos neste relatório produzi-lo de forma a demonstrar a pratica efetiva e ativa no ensino da especificidade duma unidade didática de futsal na turma do 9º do agrupamento de escolas de Valpaços no ano letivo de 2015/2016.

Esperamos ter conseguido tornar este relatório fácil de ler, interpretar, que se torne um guião agradável e de posteriormente ser facilitador de o avaliar.

Esperamos, sinceramente, ter conseguido almejar este objetivo.

Enfim, como consideração final na conclusão deste nosso relatório gostaríamos de afirmar, de modo claro e inequívoco, que vou continuar a exercer a profissão de docente (porventura por todo o país, em cada ano letivo e por diferentes escolas) mas tendo sempre a consciência, a pertinência e a persistência na beleza, do encanto da nossa profissão de professor e do quanto nos sentimos realizados a exercê-la pois, desde o 9º ano escolaridade na opção de Desporto, na escola secundaria Henrique Medina em Esposende, sempre almejamos alcançar.

Em suma, correndo o risco de sermos utópicos, procuramos em todas as aulas e no nosso comportamento, enquanto educador, contribuir-mos sempre para um ensino de qualidade e eficácia na área da Educação Física, para que esta exigência na excelência seja uma realidade para os nossos discentes.

Este relatório terminamo-lo com agrado pois é mais um passo para continuarmos a caminhada dentro da nossa profissão.

A vida profissional de docente, hoje em dia, encontra-se em permanentes alterações, o que a torna um pouco confuso, mas procuramos na adversidade ter persistência na procura de sermos um homem feliz.

Procuramos com afinco, ser uma pessoa humana feliz e um professor satisfeito.

Bibliografia

- Bento, J. O. (1986). *Elementos fundamentais da psico-pedagogia*. Câmara Municipal de Oeiras;
- Bento, J. O. (1995): “O outro lado do desporto”, Campo das Letras – Editores, SA – Porto;
- Bom, L. e Brás, J. (2003): “Estágio para “dar aulas” ou para “ser professor”? – O estágio será uma praxe?”, in Revista Horizonte, Vol. XVIII, n.º 108, p.p. 15-24;
- Braz, J. , Mendes, J. L., e Palas, P. (s/d): *Etapas de formação do jogador de futsal – Ensino do futsal nas escolas do 1º ciclo – ensino básico programa E3L1P2 – perfil do praticante de futsal*, Federação Portuguesa de futebol;
- Carrasco, J.F. (1989): *Como Avaliar a Aprendizagem*. Coleções Práticas Pedagógicas. Edições Asa;
- Fonseca, A. M., Maia, J. T., e Mota, J. (2001): *AFCDEF.UP e a Psicologia do Desporto. Estudos sobre a Motivação*, António Manuel Fonseca, p.p. 98;
- Gomez, A. C. (2003): “Hoje, mais do que nunca, os professores são educadores para o futuro”, in jornal “A Pagina da Educação”, ano XII, n.º 125, Julho, mensal, p.p.11-13;
- Cruz, J.F. A. e outros (1996): *Manual de Psicologia do Desporto*, Braga;
- Cruz, J. F. A. (1996): *Manual de Psicologia do Desporto – Motivação para a competição e prática desportiva*, Braga, p.p. 305-331;
- Frade, V. (1982): *Desenvolvimento programático. Opção Futebol*. FCDEF-UP, texto policopiado;
- Garganta, J. (1994): *Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Coletivos*. In A. Graça e J. Oliveira (Eds), “O Ensino dos Jogos Desportivos”. Porto: C.E.J.D./F.C.D.E.F, pp 11-25;
- Garganta, J. (1998): *Analisar o jogo nos jogos desportivos coletivos*. Horizonte (83), pp. 7-14;
- Graça, A. (1989). *Igualdade, aptidão e sucesso em Educação Física*. In J. Bento & A. Marques (Eds.), Atas do fórum Desporto. Ética. Sociedade. pp.167-172. FCDEF. – UP;
- Pacheco, R. (2001): *O ensino do futebol de 7. Um jogo de iniciação ao futebol de 11*. Edição do autor;
- Pinto, A. (1995). *O desporto escolar e o desenvolvimento desportivo*. Edições Asa;

Leal, M. e Quinta, R. (2001): *O treino no Futebol – uma conceção para a formação*, Edição APPACDEM de Braga;

Lobo, A. (2003): “*A inteligência afetiva – O bom professor*”, in jornal “A página da Educação”, de ano XII, n.º 125, Julho, mensal, p.p. 24-25;

Mesquita, I. (1997): *Pedagogia do treino – a formação em jogos desportivos coletivos*. Livros Horizonte;

Webgrafia

[http://www.efdeportes/Revista Digital](http://www.efdeportes/Revista%20Digital) – Buenos Aires, ano 9 – nº 66, Noviembre de 2003

Anexos



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



Centro de Formação da Associação
de Escolas Rómulo de Carvalho

Registo de Acreditação: CCPFC/ENT-AE-1188/14

CERTIFICADO

Em conformidade com as disposições legais em vigor, nomeadamente com o disposto no n.º 4 do art.º 5.º do Despacho n.º 4595/2015, de 6 de maio, certifica-se que Sérgio Manuel Torres Lopes, portador(a) do BI/CC n.º 09262257, concluiu com aproveitamento a seguinte ação de formação:

Pressupostos Metodológicos na Aprendizagem do Jogo de Futsal - Atualização

Modalidade: Curso

N.º de Registo de Acreditação: CCPFC/ACC-82258/15

Área de formação (despacho n.º 5418/2015, de 22 de maio): b) Prática pedagógica e didática na docência, designadamente a formação no domínio da organização e gestão da sala de aula.

De acordo com o certificado de acreditação de ação, a presente releva para efeitos de progressão em carreira de Professores dos Grupos 260 e 620. Mais se certifica que a mesma releva para a dimensão científica e pedagógica.

Duração: 25 horas

Créditos atribuídos: 1,0 unidade de crédito

Classificação: Excelente - 9,0 valores (escala de 1 a 10)

Período de realização: 01 a 04 de julho de 2015

Local de realização: Pavilhão Municipal da Ericeira

Formadores responsáveis: Jorge Gomes Braz e João Alexandre Nunes Freitas Pinto

Mafra, 28 de setembro de 2015

O Diretor do Centro de Formação


(Carlos Manique da Silva)





CERTIFICADO

O Centro de Formação da APPEFIS, entidade CCPFC/ENT-AP-0375/14 certifica que Sérgio Manuel Torres Lopes, do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares, no Grupo de Docência 620- Educação Física, frequentou com aproveitamento a Ação de Formação n.º 31.01.2015 - *Desportos de Inverno: Snowboard - Nível Introdutório*, acreditada pelo CCPFC com o n.º 39089/05 com a duração de 25 horas, na modalidade de **Curso de Formação**, que decorreu entre 07-02-2015 e 01-03-2015, na Estância de Esqui, Serra da Estrela, com a **Classificação Final de 9,7- Excelente** na escala de 1 a 10 e com 1 crédito de creditação final, orientada por:

Vasco Rafael Lourenço Carnim

30677/12

Com os seguintes conteúdos programáticos:

Normas FIS nas estâncias de esqui alpino; Mapa das pistas; Regulamento; Outros conselhos; Organização do grupo turma; Vestuário; Acessórios; Equipamento; Os fundamentos; A posição básica; As quedas..

Familiarização com o terreno e material; Progressão em terreno plano - Patinar; Progressão em terreno ligeiramente a subir - Ascensão; Descer em linha recta; Deslize sobre os calcanhares e sobre as pontas dos pés - Sideslip; Deslize na diagonal sobre os calcanhares e pontas dos pés; Queda da folha; Garland's - Meia curva;

A primeira curva - Curva básica; Ligar as curvas - Coordenar e progredir; Meios mecânicos - o teleesqui e a telecadeira.

Mais se certifica que , para efeitos previstos no artigo 5º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, a presente ação releva para efeitos de progressão em carreira de Professores dos Grupos 260 e 620.



Diretor do CF da APPEFIS

Anexo III: Sistemas LMS e o trabalho colaborativo dos docentes



CENTRO DE FORMAÇÃO DA LEZÍRIA DO TEJO
Associação de Escolas dos Concelhos de Almeirim, Alpiarça e Santarém
Registo de Acreditação N.º CCPFC/ENT-AE-1164/12
Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de Mem Ramires
Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado
NIPC - 600073912



CERTIFICADO

Certifica-se, conforme disposto nos n.ºs 1 e 3 do Artigo 13.º Decreto - Lei n.º 207/96, de 2 de Novembro, que o (a) Docente **Sérgio Manuel Lopes** frequentou e concluiu com aproveitamento a Ação de Formação Contínua, “**Os Sistemas LMS e o trabalho colaborativo dos docentes**”, realizada por este Centro de Formação em parceria com a Direção Executiva da Escola Secundária de Sá da Bandeira, durante o mês de Fevereiro de 2012.

Características da Formação

Modalidade: Oficina de Formação
Duração: 18 horas presenciais + 18 horas de trabalho autónomo
Registo de acreditação: n.º: CCPFC/ACC - 67389/11
Formadores: Rui Miguel da Rosa Vitória de Brito

Plano Curricular:

Objetivos da Ação

- Estimular a utilização de um sistema LMS (Moodle) como meio de comunicação entre professores;
- Fomentar o trabalho de equipa;
- Desenvolver a capacidade de análise das atividades realizadas em sistemas LMS, nomeadamente no que se refere à organização, planificação e avaliação de atividades suportadas à distância;
- Promover/reforçar a formação de equipas de colaboração nas escolas/agrupamentos assentes em dinâmicas de trabalho que apoiem o uso efetivo e generalizado de sistemas LMS;
- Conceber e implementar projetos recorrendo às novas tecnologias;
- Potenciar o trabalho organizativo da escola;
- Promover e participar em redes de informação, nomeadamente entre as estruturas intermédias;
- Promover a troca de experiências entre os vários professores participantes desta oficina.

Creditação atribuída: 1,4(um, quatro) créditos

Classificação obtida: Bom - 7,8 Valores (escala de 0 a 10)

Mais se certifica que, para os efeitos previstos no artigo 5.º, do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, a presente ação releva para efeitos de progressão em carreira de Educadores de Infância e Professores de todos os grupos de recrutamento do Ensino Básico e Secundário e Educação Especial.

Para efeitos de aplicação do n.º3 do art.º14.º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, a presente ação não releva para a progressão em carreira de Educadores de Infância e Professores de todos os grupos de recrutamento do Ensino Básico e Secundário e Educação Especial.

Santarém, 15 de Junho de 2012
O Diretor do Centro de Formação

António Francisco dos Penedos Amendoeira



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu



Anexo IV e V : Estratégias de Coaching para suscitar a motivação e Para uma comunicação eficaz no contexto profissional.



Centre de développement de ressources humaines

O Centro Etincelle certifica que

Sérgio Manuel Torres Lopes

Participou no Seminário

ESTRATÉGIAS DE COACHING PARA SUSCITAR A MOTIVAÇÃO

Durante 20 períodos
Equivalentes a 1 crédito ECTS

Lisboa, 17 Julho 2011

Centre Etincelle
Christiane Grau
Formadora em PNL



Centre de développement de ressources humaines

O Centro Etincelle certifica que

Sérgio Lopes

Participou no seminário

PARA UMA COMUNICAÇÃO EFICAZ NO CONTEXTO PROFISSIONAL

Durante 20 períodos
Sendo o equivalente a 1crédito ECTS

Lisboa, 23 de Outubro 2011

Centre Etincelle
Christiane Grau
Formadora em PNL

Anexo VI: Didática do Atletismo nos ensinos básico e(2º e 3º ciclos) e secundário.



Centro de Formação da Associação de Escolas dos Concelhos de Barcelos e Esposende

Ex.mo(a) Senhor(a)
Sérgio Manuel Torres Lopes
Rua Sta Maria Anjos, 161 ENT 1 AP 13

4740-238 Esposende



O Centro na Internet
<http://cefaeb.no.sapo.pt>

O seu Nº de ORDEM é: 3185

Data,
24-09-2009

Assunto: AVALIAÇÃO DA ACÇÃO DE FORMAÇÃO N.º B12 /
DIDÁCTICA DO ATLETISMO NOS ENSINOS BÁSICO (2.º E 3.º CICLOS) E SECUNDÁRIO
ÁREA C - Prática e Investigação Pedagógica e Didáctica
DOMÍNIO
De 25-05-2009 a 13-07-2009
Na Escola EB2,3 Gonçalo Nunes

Tendo frequentado, com aproveitamento, a acção de formação mencionada em epígrafe, anexo os seguintes documentos:

- a) Certificado do qual consta a sua classificação final de **9,5 Valores** proposta pelo(s) formador(es) e ratificada pela Comissão Pedagógica do Centro.
- b) Avaliação Interna da Acção de Formação feita a partir do relatório do(s) formador(es), no tratamento de dados estatísticos e das pontuações atribuídas pelos formandos aos itens sugeridos no questionário.

Nos termos do Regime de Avaliação dos Formandos poderá apresentar recurso fundamentado sobre a sua classificação final no prazo máximo de 10 dias úteis contados a partir da data de afixação dos resultados no Centro.

A reclamação escrita não pode fundamentar-se na comparação das avaliações e classificações atribuídas.

Aproveito para desejar-lhe os maiores sucessos profissionais e espero poder contar com a sua presença em futuras acções de formação que venham a ser promovidas por este Centro de Formação.

Com os melhores cumprimentos

O Director

Carlos Neto Silva

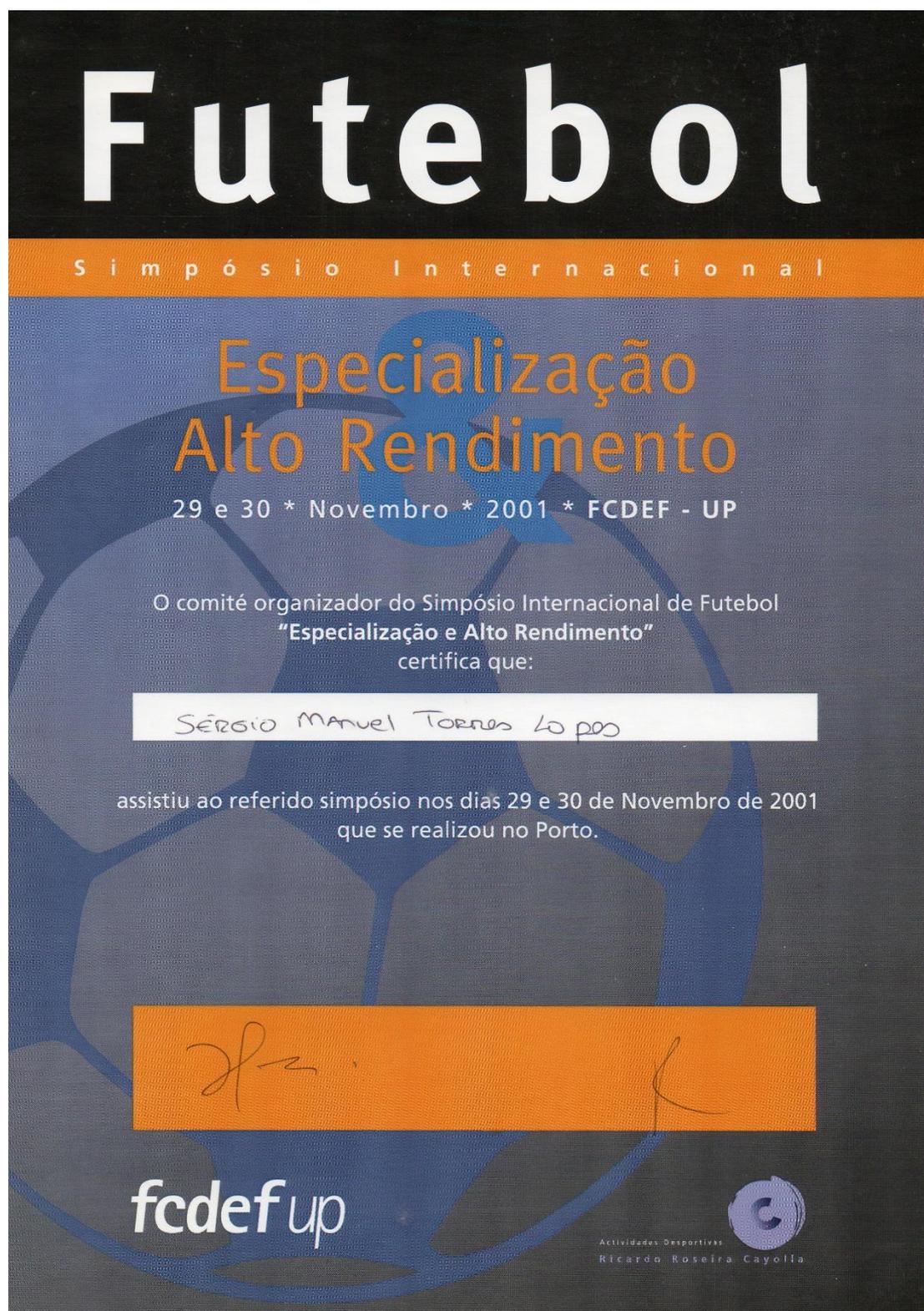


Av. João Paulo II - Apartado 166
4750-304 Barcelos
Telef. / Fax 253 812 052
URL: <http://cefaeb.no.sapo.pt>
E-Mail: cefaeb.barcelos@sapo.pt



Vila Nova de Famalicão, 27 de Março de 2001





6.º

Lisboa 2003
27, 28 e 29
de Novembro

Cidade Universitária
Auditório da Faculdade
de Medicina Dentária
de Lisboa

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA O
SENHOR PRESIDENTE
DA REPÚBLICA,
DOUTOR JORGE SAMPAIO

organização


CNAPEF
CONGRESSO NACIONAL
DAS ASSOCIAÇÕES DE
PROFESSORES E PROFISSIONAIS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA


SOCIIDADE PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Congresso Nacional de Educação Física

Desafios Profissionais

Certificado de presença

Certifica-se que

SÉRGIO MANUEL TORRES LOPES

participou no **6.º Congresso Nacional de Educação Física**, subordinado ao tema **Desafios Profissionais**, que decorreu na Cidade Universitária - Auditório da Faculdade de Medicina Dentária, em Lisboa, nos dias 27, 28 e 29 de Novembro de 2003.

Lisboa, 29 de Novembro de 2003



O Presidente da Direcção da SPEF



O Presidente da Direcção do CNAPEF

patrocínios



Anexo X:

Planos de aulas.